



Pequenos Notáveis



Parte 1

Eduardo Paes

Prefeito do Rio de Janeiro

Claudia Costin

Secretária Municipal de Educação – SME

Cleide Ramos

Presidente da Empresa Municipal de
Multimeios – MultiRio

Lucia Maria Carvalho de Sá

Chefe de Gabinete

Ricardo Petracca

Diretor de Mídia e Educação

Sergio Murta Ribeiro

Diretor de Administração e Finanças

Pequenos Notáveis

Série televisiva: textos complementares



MULTIRIO - Empresa Municipal De Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210

Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424

www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br

Sumário

Introdução	05
Noel Rosa	07
Dona Ivone Lara	19
Dorival Caymmi	29
João de Barro (Braguinha)	41
Luiz Gonzaga	53
Créditos das imagens	63

Introdução

A série televisiva *Pequenos Notáveis*, voltada principalmente para crianças e adolescentes, aborda a vida e a obra de dez grandes compositores da MPB, com ênfase na infância de cada um. Os programas mostram como o ambiente em que eles viveram, a família e a escola influenciaram suas vocações e contribuíram para que se tornassem, mais tarde, grandes mestres da nossa música.

O formato da série mescla dramaturgia, música, animação e efeitos de computação gráfica. Os atores Amanda Ramalho e Iwin Monã e o cantor e instrumentista Alfredo Del-Penho visitam os locais onde os artistas nasceram, os lugares que frequentaram, as escolas em que estudaram, os cantos e recantos de que mais gostavam em nossa cidade.

Em estúdio, a cantora e apresentadora Joyce Moreno, junto com Alfredo, canta os maiores sucessos desses compositores e conta casos e curiosidades sobre eles, em meio a um cenário com fotos, cartazes, capas de discos e outras referências musicais e históricas.

Os dez grandes pequenos notáveis homenageados nos programas são: Noel Rosa, Dona Ivone Lara, Dorival Caymmi, Buguinha, Luiz Gonzaga, Pixinguinha, Lamartine Babo, Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Chico Buarque.

Noel Rosa

Mesmo em guri, a minha grande fascinação era a música. Qualquer espécie de música. Fosse qual fosse. E amava os instrumentos musicais, sentindo-me sonhar ante qualquer melodia.

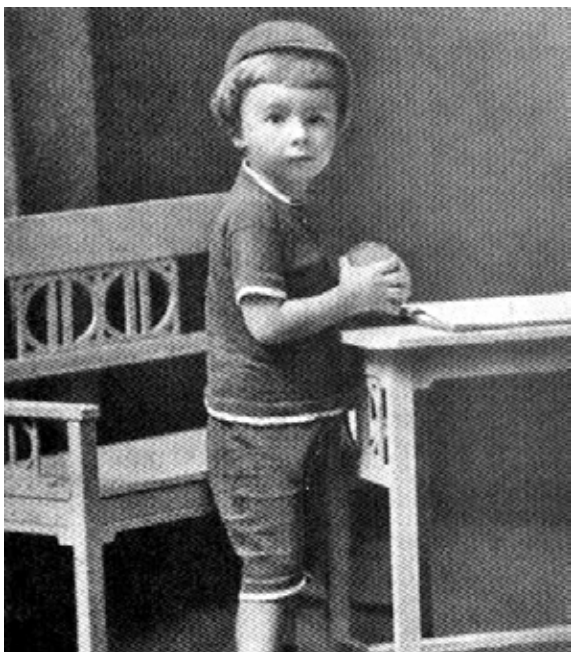
Noel Rosa





O primeiro filho de Manuel Garcia de Medeiros Rosa (Neca) e Martha de Medeiros Rosa nasceu em casa na manhã de 11 de dezembro de 1910, um domingo.

O menino Noel de Medeiros Rosa, um bebê de quatro quilos, teve que ser retirado com o uso de fórceps (instrumento de ferro), que causou uma fratura no osso da mandíbula e o encurtamento do maxilar inferior. No parto, o médico de Martha foi auxiliado por José Rodrigues da Graça Mello, que, depois, tornou-se padrinho de Noel. Dali a 17 anos, o Dr. Graça Mello traria ao mundo outro gênio da música brasileira: Antônio Carlos Jobim.



2. O menino Noel, aos 6 anos

Além da questão estética (o queixo torto ou a falta dele), a atrofia dificultava que ele se alimentasse direito, comprometendo sua saúde e seu desenvolvimento físico. Aos 6 anos, foi operado e, aos 12, colocou uma prótese de madeira na boca, mas tudo em vão.

Os Medeiros Rosa moravam em um chalé na Rua Teodoro da Silva, n. 30 (hoje n. 392), entre as ruas Visconde de Abaeté e Souza Franco. Os pais de Martha, o médico Eduardo Correa de Azevedo e sua esposa, Rita, que era professora, moravam naquele chalé desde fins de 1900, quando trocaram Juiz de Fora (MG) pelo Rio de Janeiro.

Na parte construída, havia uma sala, três quartos, cozinha e dois banheiros; na área externa, um quintal com galinheiro e um pomar, onde plantavam araçá, pitomba, goiaba, limão, abacate, romã e pitanga. Na sala, vó Rita montou uma escolinha de alfabetização, onde Martha passou a trabalhar.

Já o pai de Noel não tinha uma atividade fixa, vivendo de biscates. Seu sonho mesmo era ser um grande inventor, e chegou a criar alguns objetos, entre eles: a pílula para uniformizar o canto dos galos; tamancos luminosos; e a bicicleta aquática, que ele soube, algum tempo depois, já existir nos EUA com o nome de *water cycle*. Para sua frustração, não conseguiu comercializar nenhum de seus inventos mirabolantes.

Saraus no chalé



3. Hélio e Noel com os pais Neca e Martha

Na família Rosa, quase todos tinham alguma ligação com as artes. A avó materna, Rita, tocava piano e lia poemas em francês. O avô Eduardo, falecido antes de Noel nascer, era médico e apaixonado por poesia, tendo escrito dois livros com seus poemas. Foi dele a iniciativa de comprar vários instrumentos – piano, violino, violão, bandolim e cítara–, ainda em Juiz de Fora, para que os filhos desde cedo tivessem contato com a música. Martha gostou do bandolim, que seria seu instrumento para a vida toda.

Domingo era dia de sarau. Neca (violão), Martha (bandolim), sua irmã, Carmem (violino), e a comadre Arlinda (piano), madrinha de Noel, se reuniam em tardes memoráveis. Noel e o irmão Hélio ficavam ouvindo, se deliciando com os doces e biscoitos que eram servidos.

Noel costumava observar as mãos de Arlinda no teclado. Depois, sem que ninguém visse, abria o piano para tocar. E era repreendido. Arlinda chegou a trancar o instrumento, mas

o afilhado descobriu o esconderijo e roubou a chave. Nesses saraus, Noel se iniciou na música: primeiro no bandolim da mãe, depois no violão do pai.

Noel por Noel

Mesmo em guri, minha grande fascinação era a música. Qualquer espécie de música. Fosse qual fosse. E amava os instrumentos musicais, sentindo-me sonhar ante qualquer melodia. Foi graças ao bandolim que eu experimentei, pela primeira vez, a sensação de importância. Tocava e logo se reuniam, ao redor de mim, maravilhados com a minha habilidade, os gurus de minhas relações. A menina do lado cravava em mim uns olhos rasgados de assombro. Então eu me sentia completamente importante. Ao bandolim confiava, sem reservas, os meus desencantos e sonhos de garoto que começava a espiar a vida.

Entrevista ao Jornal do Brasil em 1/1/1935.

Pelas ruas da Vila



4. Noel na Escola Pública Cesário Motta

Aos 9 anos, Noel foi matriculado na Escola Pública Cesário Motta, no Boulevard 28 de Setembro, esquina com a Rua Silva Pinto, para onde ia a pé ou de bonde, sempre observando os tipos que encontrava no caminho.

Seus passatempos preferidos eram jogar botão, soltar pipa, soltar balão, olhar as garotas na rua e ir ao cinema, especialmente para assistir às aventuras do herói Tom Mix.

Era o tempo do cinema mudo, em que a exibição do filme (preto e branco) costumava ser acompanhada por um pianista, ao vivo, normalmente ágil e versátil, pronto para tocar ritmos mais frenéticos nas cenas de perseguição a bandidos, por exemplo, e melodias mais lentas quando o par romântico se beijava.

No livro Noel Rosa, uma Biografia (Editora da Universidade de Brasília, 1990), os autores Carlos Didier e João Máximo o descrevem como menino atento, observador sobretudo das pessoas – dos figurões aos anônimos da rua.

Se, no futuro, o adulto Noel seria um flâneur à moda de João do Rio, seu caráter andarilho começou pelas ruas de Vila Isabel, topando com tipos dos mais respeitados (como os médicos, os professores e os padres) aos mais marginais (o bicheiro, o malandro, o seresteiro, o desempregado crônico, o sinuqueiro, o carteador, o mendigo, o vigarista, o proxeneta, o valentão, o pau-d'água).

No futuro, iam virar personagens ou motes para composições como Coisas Nossas (lançada em 1932), que reúne em uma mesma estrofe: “baleiro, jornalista, motorneiro, condutor e passageiro, prestamista e vigarista”.

No Ginásio de São Bento



5. Ginásio de São Bento

Em 1923, Noel entrou para o tradicional Ginásio de São Bento. Menorzinho da turma, sentava quase sempre nas primeiras carteiras e logo ganhou o apelido de Queixinho. Por causa da dificuldade para mastigar, evitava comer na frente dos amigos, mas, fora isso, procurava lidar com sua situação da melhor maneira possível, inclusive desenhando o próprio rosto com o perfil que os caricaturistas repetiriam mais tarde.

A turma do São Bento se divertia com os desenhos e os textos sarcásticos que ele fazia para o jornalzinho manuscrito que criou: *O Mamão*. Costumava, também, levar o violão de seu pai para a escola e gostava de parodiar o Hino Nacional, tocando-o em ritmo de maxixe, tango, valsa, etc.

O companheiro violão

Na alegria e na tristeza, o violão era o companheiro de todas as horas. Antes de ir para a escola, Noel gostava de ficar tocando embaixo das árvores do quintal.

Pela janela do chalé, ouvia sua mãe com os alunos (“Dois mais dois?” E a turma: “Quatro!”). “Cinco menos três?” “Dois!”) e acompanhava o

bate-rebate da tabuada com o violão. Para o instrumento, fez um poema, que começa com os seguintes versos:

*O violão meu amigo e
conselheiro
Que sempre partilhou de minha
dor
Na serenata sempre foi bom
companheiro
Numa modinha, o meu melhor
inspirador...*



6. Autocaricatura de Noel Rosa

Um autodidata

Em 1924, com 14 anos, sua diversão era caminhar pelo Centro da cidade e visitar as lojas de música, para ver de perto os grandes instrumentistas que lá trabalhavam como professores ou demonstradores das partituras que estavam à venda. Em O Cavaquinho de Ouro (Rua da Carioca, n. 44), o professor de violão era Quincas Laranjeira, e a loja

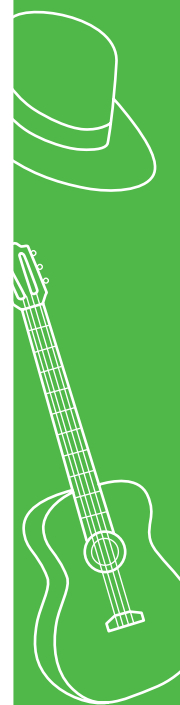
era frequentada por João Pernambuco, Villa-Lobos, Anacleto de Medeiros e Irineu de Almeida (o Batina, professor de Pixinguinha). Já em A Guitarra de Prata (também na Rua da Carioca), quem dava aulas de piano e violão era Sinhô. Na Casa Carlos Gomes (Rua do Ouvidor, n. 153), o piano era tocado pelo maestro Eduardo Souto.

Vendo, ouvindo, reproduzindo sons e harmonias, Noel aprendeu as primeiras posições. Chegou a ter aulas com o pai e outros professores, mas preferia aprender sozinho. Aos 16 anos, ganhou o primeiro violão, presente de Fábio, marido de Arlinda.

Sobre a troca do bandolim pelo violão, ele disse na entrevista ao Jornal do Brasil (1/1/1935): “Verifiquei que era um instrumento mais completo, de maior beleza comunicativa que o bandolim. O meu sonho absorvente passou a ser dominar amplamente o violão. Tanto me esforcei que, no fim de certo tempo, já tocava melodias várias. Ouvir o violão era como se ouvisse a mim mesmo, como se ouvisse a voz do próprio coração, o lirismo que nasceu comigo”.

Começava uma nova vida para esse adolescente, que frequentava a noite de Vila Isabel e tocava nos cafés do Ponto de Cem Réis (cruzamento do Boulevard 28 de Setembro com a Rua Souza Franco).

O local era o *point* do bairro nos anos 1920 e 1930, com suas quatro esquinas ocupadas pelo Café de Vila Isabel (único que permitia a cantoria), o Café Rio Clube e a Confeitaria do Ventura. Lá, ele conheceu João de Barro, Lamartine Babo, Antonio Nássara e Orestes Barbosa, todos futuros parceiros. Também passaram por ali Francisco Alves e Guilherme de Brito, entre outros bambas.



“Quando se escrever a história do nosso samba, o Café de Vila Isabel, onde Noel Rosa faz ponto, merecerá capítulo especial. Ali foi que o inspirado compositor fez a maior parte de suas composições, depois de uma hora da madrugada. Por causa das cantorias no Ponto de Cem Réis, Noel passou a ser requisitado para serenatas em Vila Isabel, em 1929.”

Diário de Notícias, em 15/2/1931



7. Boulevard 28 de Setembro, em Vila Isabel

Noel por Noel

Quando penso no Boulevard, nas ruas pacatas que guardam os meus melhores segredos, nas esquinas prediletas para as reuniões da turma que aprendeu a fazer samba vendo sambar o arvoredo, o meu coração, incuravelmente sentimental, bate descompassado como um tamborim tocado por um estrangeiro. E eu vou alongando o pensamento e vou pensando que a cidade inteira é Vila Isabel.

Entrevista ao Diário Carioca em 4/1/1936.

Começou a namorar aos 16 anos com a vizinha Clara. Da varanda de sua casa, Noel tocava violão e cantava para ela, que, porém, não conseguia ouvir, mas sabia que a música era em sua homenagem. A paixão durou sete anos, tempo em que ele ganhava fama nos arredores da Vila.

Bando de Tangarás



8. O Bando de Tangarás

Corria o ano de 1929, e Noel foi convidado a participar do Bando de Tangarás, ao lado de Henrique Foréis Domingues, o Almirante; Carlos Alberto Ferreira Braga, o João de Barro ou Braguinha; Henrique Brito; e Alvinho.

O repertório era nordestino, sobretudo toadas e emboladas, e o Poeta da Vila compôs algumas marchas, como *Dona Aracy* e *Picilone*, além dos sambas *Cordiais Saudações* e *Eu Vou pra Vila*. O Bando chegou a gravar 38 discos até 1933, quando deixou de existir.

Em 1930, Noel entrou pela primeira vez em um estúdio para gravar, como cantor, suas composições Festa no Céu e Minha Viola, ambas ainda com forte influência da sonoridade nordestina do Bando de Tangarás.

No carnaval, o bairro de Vila Isabel se dividia em dois blocos: o Cara de Vaca e o Faz Vergonha, que era mais democrático e não tinha cordão de isolamento.

Noel não só pertencia ao segundo bloco como era um dos destaques do grupo, sendo um dos três improvisadores de versos durante o desfile, ao lado de Paulo Anacleto e Lauro Boamorte. Foi no Faz Vergonha que Noel conheceu Canuto, lustrador de profissão e percussionista, que o apresentou aos sambistas do Morro do Salgueiro, na Tijuca.

Frequentar os morros do Salgueiro e da Mangueira era iniciativa impensada para gente da classe média naqueles tempos. Para o jovem compositor da Vila, porém, as visitas eram incursões a um novo mundo repleto de ótimos sambistas, gente franca e grandes festas. Esse sobe e desce pioneiro nos morros não só traria elementos e parceiros para suas composições como acirrava a divisão que havia entre o samba de morro e o samba de asfalto. Nos anos 1930, Ary Barroso, Custódio Mesquita, Mário Lago e outros jovens da classe média seguiram os passos de Noel.



9. O Poeta da Vila ao violão

Assim, à medida que o “samba letrado” se firmava em discos e no rádio, os “verdadeiros sambistas” protestavam, questionando a legitimidade da “turma da cidade”. Noel respondia com músicas, como *Eu Vou pra Vila*, de 1931:

*Já saí de Piedade
Já mudei de Cascadura
Eu vou pra Vila
Pois quem é bom não se
mistura*

Feitio de Oração, de 1933 (com Vadico), foi uma espécie de veredicto lírico aos questionamentos sobre a legitimidade da turma do asfalto:

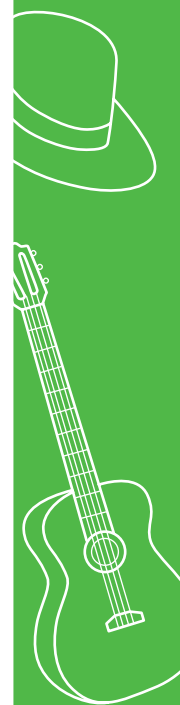
*O samba na realidade
Não vem do morro
Nem lá da cidade
E quem suportar uma paixão
Sentirá que o samba então
Nasce do coração*

Outro samba na mesma linha, composto no ano seguinte, foi o belíssimo *Feitiço da Vila*:

*Quem nasce lá na Vila
Nem sequer vacila
Ao abraçar o samba
Que faz dançar os galhos
Do arvoredado e faz a Lua
Nascer mais cedo
(...)
A Vila tem
Um feitiço sem farofa
Sem vela e sem vintém
Que nos faz bem*

Cartola e Ismael

Noel tornou-se amigo de um ilustre morador da Mangueira, Cartola. Eles se conheceram no Café e Bilhares Maracanã, tornando-se amigos e parceiros em dois sambas lançados em 1932: *Não Faz, Amor* e *Rir* (letra a seguir):



*Rir, não se ri de quem padece
Sofre, meu coração sabe dizer
Ri, quando vê alguém chorar
Deus é justo e verdadeiro
Por quem eu tenho chorado
Tenho fé em me vingar*



10. Cartola e Ismael Silva

Outro amigo que entrou de vez na biografia de Noel foi o compositor Ismael Silva, um dos mais talentosos bambas do Morro do Estácio. Juntos, assinaram 18 composições, entre elas, os sambas *A Razão Dá-Se a Quem Tem* (letra abaixo), *Adeus, Uma Jura Que Fiz e Para Me Livrar do Mal*.

*Se meu amor me deixar
Eu não posso me queixar
Vou sofrendo sem dizer nada a
ninguém
A razão dá-se a quem tem*

Com que roupa?

Um sucesso anterior a esses e que foi marcante na breve carreira do nosso Noel Rosa, a música *Com que Roupa?*, interpretada por ele próprio e pelo Bando de Tangarás, vendeu, de imediato, 15 mil discos. As rádios de todo o país não paravam de tocar aquele samba cheio de novidades: a letra alusiva à dureza dos brasileiros, um breque antes do refrão e até uma citação aos *Lusíadas*, de Camões (o navio Adamastor).

(...)
*Seu português, agora, deu o
fora
Já foi-se embora e levou seu
capital
Esqueceu quem tanto amou
outrora
Foi no Adamastor pra Portugal
Pra se casar com a cachopa
E eu pergunto: com que roupa
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me
convidou?*



11. Partitura da música *Com que Roupa?*

A frase “com que roupa?” caiu no gosto popular, além de inspirar slogans de lojas, charges em jornais e revistas, nomes de times de futebol de várzea e até um conjunto musical do Morro da Mangueira.

Noel falou ao Diário de Notícias (15/2/1931): “Por exemplo: se um camarada está sem dinheiro e alguém o convida para um baile ou uma festa qualquer, ele retruca, com um gesto significativo: ‘Com que roupa?’ (isto é, com que dinheiro?)”.

Médico ou músico?

Noel entrou para a Faculdade de Medicina em 1931. Mas, na metade do primeiro ano, para tristeza de Martha e Neca, abandonou o curso por não conseguir conciliar a vida de cantor e compositor com a carreira médica. Na época, comentou: “Como médico, jamais serei um Miguel Couto. Mas, quem sabe, não poderei ser o Miguel Couto do samba?”.

E ele tinha razão. *Com que Roupa?* atraiu a atenção do público, da imprensa e de outros compositores para aquele jovem sambista. No mesmo ano de 1931, dois novos sambas foram gravados com os Tangarás: *Eu Vou pra Vila* e *Cordiais Saudações* (já citados). Em 1932, transformou leilão em samba, com *Quem Dá Mais?*, gravado pelo próprio compositor.

*Quem dá mais por um violão
Que toca em falsete
Que só não tem braço
Fundo e cavalete
Pertenceu a Dom Pedro
Morou no palácio
Foi posto no prego
Por José Bonifácio?
Vinte mil réis, vinte e um e
quinhentos
cinquenta mil réis!*



12. Partitura da música *Quem Dá Mais?*

Em *Mulato Bamba*, também de 1932, a novidade é o personagem homossexual, conforme descrito na letra: *não quer saber de fita nem com mulher bonita*. Outro samba da mesma safra, *Até Amanhã*, desde seu lançamento encerra os bailes de carnaval em todos os cantos do país.

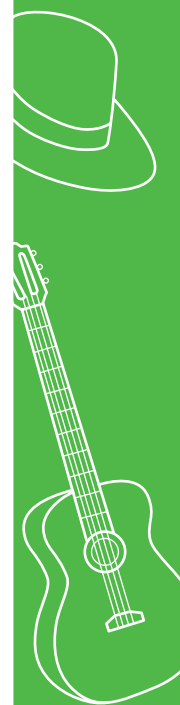
*Até amanhã se Deus quiser
Se não chover eu volto pra te ver
Oh, mulher!
De ti gosto mais que outra
qualquer
Não vou por gosto
O destino é quem quer*



13. O parceiro Vadico, ao piano

Ainda em 1932, Noel conheceu o pianista Osvaldo de Almeida Gogliano, o Vadico. A dupla é responsável por clássicos da música brasileira, como *Feitiço da Vila*, *Conversa de Botequim* (letra abaixo), *Provei*, *Cem Mil Réis*, *Tarzan*, *o Filho do Alfaiate* e *Pra que Mentir?*.

*Seu garçom, faça o favor de me
trazer depressa
Uma boa média que não seja
requentada
Um pão bem quente com man-
teiga à beça
Um guardanapo e um copo
d'água bem gelada*



Noel fechou o ano de 1932 compondo *Fita Amarela*, que estourou no carnaval de 1933:

*Quando eu morrer
Não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela
Gravada com o nome dela*



14. Noel, aos 21 anos

Em seguida, vieram as canções *Filosofia*, *Meu Barracão*, *Positivismo* e *O Orvalho Vem Caindo* (letra abaixo):

*O orvalho vem caindo
Vai molhar o meu chapéu
E também vão sumindo
As estrelas lá do céu
Tenho passado tão mal
A minha cama é uma folha de jornal*

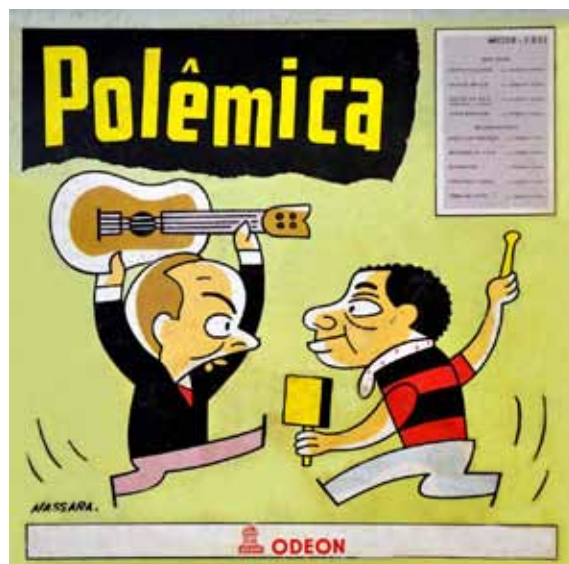
Casamento

Em 1934, Noel Rosa se apaixonou por aquela que foi o grande amor de sua vida: Juraci Correia de Moraes, a Ceci. Os dois se conheceram em uma festa de São João no Cabaré Apollo (Lapa), onde o compositor estava sendo homenageado. Para ela, o Poeta da Vila fez diversos sambas, como *Dama do Cabaré* e *Último Desejo* (letra a seguir).

*Nosso amor que eu não esqueço
E que teve o seu começo
Numa festa de São João*

Mas ele estava noivo de Lindaura e, sem ter como desmanchar o compromisso, casou-se, a contragosto, sem convidar familiares ou amigos. Os dois foram morar em um quarto no chalé da Teodoro da Silva. No final do ano, Noel sofreu a primeira crise de tuberculose. Para se afastar das noitadas e da boemia, seguiu com a mulher para Belo Horizonte e, três meses depois, retornou ao Rio, mais gordo e aparentemente curado.

Duelo de bambas



15. A polêmica com Wilson Batista virou disco

Em 1935, seu grande sucesso foi *Palpite Infeliz*. O samba dava continuidade ao famoso duelo que Noel manteve com Wilson Batista desde 1932. Tudo começou com a música *Lenço no Pescoço*, de Wilson (*Meu chapéu do lado/ Tamanco arrastando/ Lenço no pescoço/ Navalha no bolso/ Eu passo gingando/ Provoco e desafio/ Eu tenho orgulho/ Em ser tão vadio*), a que Noel respondeu com *Rapaz Folgado* (*Deixa de arrastar o teu tamanco/ Pois tamanco nunca foi sandália/ E tira do pescoço o lenço branco/ Compra sapato e gravata/ Joga fora esta navalha que te atra-*

palha). Wilson revidou com *O Mocinho da Vila* (*Você que é mocinho da Vila/ Fala muito em violão, barracão e outros fricotes mais/ Se não quiser perder/ Cuide do seu microfone e deixe/ Quem é malandro em paz*).

E veio Noel com *Feitiço da Vila* (*A Vila tem um feitiço sem farofa/ Sem vela e sem vin-tém/ Que nos faz bem/ Tendo nome de princesa/ Transformou o samba/ Num feitiço descente/ Que prende a gente*).

Terminou por aí? Nada disso. Wilson Batista contrapôs com o samba *Conversa Fiada* (*É conversa fiada dizerem que o samba na Vila tem feitiço/ Eu fui ver para crer e não vi nada disso/ A Vila é tranquila porém eu vos digo: cuidado!/ Antes de irem dormir dêem duas voltas no cadeado*). E Noel, com *Palpite Infeliz* (*Quem é você que não sabe o que diz/ Meu Deus do Céu, que palpite infeliz/ Salve Estácio, Salgueiro, Mangueira/ Oswaldo Cruz e Matriz/ Que sempre souberam muito bem/ Que a Vila não quer abafar ninguém/ Só quer mostrar que faz samba também*).

Wilson não se deu por vencido e compôs uma música criticando o defeito físico de Noel: *Frankenstein da Vila* (*Boa impressão nunca se tem/ Quando se encontra um certo alguém/ Que até parece um Frankenstein/ Mas como diz o rifão/ Por uma cara feia perde-se um bom coração*). Dessa vez, Noel não retrucou, mas Wilson insistiu com *Terra de Cego* (*Perde a mania de bamba/ Todos sabem qual é/ O teu diploma no samba/ És o abafa da Vila/ Eu bem sei/ Mas na terra de cego/ Quem tem um olho é rei*).

A polêmica terminou no Café Leitão (Arcos da Lapa), em um encontro casual entre os dois. Noel fez uma nova letra para a melodia de *Terra de Cego*, que se chamou *Deixa de Ser Convencida*, um belo samba de amor (*Deixa de ser convencida/ Todos sabem qual é/ Teu velho modo de vida/ És uma perfeita artista, eu sei bem/ Também fui do trapézio/ Até salto mortal/ No arame eu já dei*).

Revistas e operetas

Outros lançamentos de 1935 foram a marcha *Pierrô Apaixonado* (letra abaixo) e os sambas *João Ninguém* e *Conversa de Botequim*:

*Um pierrô apaixonado
Que vivia só cantando
Por causa de uma colombina
Acabou chorando, acabou
chorando*

Empregado na Rádio Club do Brasil entre 1935 e 1936, escreveu duas revistas radiofônicas – *O Barbeiro de Niterói* e *Ladrão de Galinha* – e, mais tarde, a opereta *A Noiva do Condutor*. São da mesma época *O X do Problema*, além de *Provei* e *A Dama do Cabaré* (dedicada a Ceci).



16. Partitura da música *Cidade Mulher*

A Dama do Cabaré e *Tarzan, o Filho do Alfaiate* (com Vadico) foram melodias compostas para o filme *Cidade Mulher*, de Humberto Mauro, assim como a marchinha de mesmo nome, sua única canção em homenagem ao Rio:

*Cidade de amor e aventura
Que tem mais doçura
Que uma ilusão
(...)
Cidade notável,
Inimitável,
Maior e mais bela que outra
qualquer.
Cidade sensível,
Irresistível,
Cidade do amor, cidade mulher*

Vencido pela doença

O ano de 1936 terminou mal para o Poeta da Vila. Lindaura perdeu o bebê que ela e Noel esperavam e a tuberculose voltou a derrubá-lo. Em 4 de maio de 1937, Noel morreu no mesmo quarto em que nasceu, no chalé da Rua Teodoro da Silva. O velório foi em casa, e o sepultamento, no cemitério de São Francisco Xavier, no Caju. As primeiras homenagens cantadas vieram do amigo e sambista Osso, que compôs *Inesquecível Noel*, e de Cartola, com *A Vila Emudeceu*.

O poeta deixou músicas que foram imortalizadas por outros intérpretes, como *Pastorinhas* (com João de Barro), *Pra que Mentir?* (com Vadico), *O Século do Progresso*, *Pela Décima Vez*, *Três Apitos*, *Cor de Cinza*, *Silêncio de um Minuto*, *Tipo Zero* e *De Qualquer Maneira* (com Ary Barroso).

Aracy de Almeida, Nelson Gonçalves, Francisco Carlos, Marília Batista, os duos Johnny Alf/Leandro Braga, Radamés Gnattali/Arthur Moreira Lima, Gilson Peranzetta/Mauro Senise e Henrique Cazes/Cristina Buarque, além de Maria Bethânia, Ivan Lins, Martinho da Vila e o conjunto Coisas Nossas, estão entre os artistas que regravam suas composições.

Em fevereiro de 2000, a obra completa (259 músicas) foi compilada em uma caixa de 14 CDs intitulada *Noel pela Primeira Vez* e lançada pela Funarte com a gravadora Velas.

Entre os pertences de Noel, foi encontrado um álbum com o seguinte texto escrito por ele:

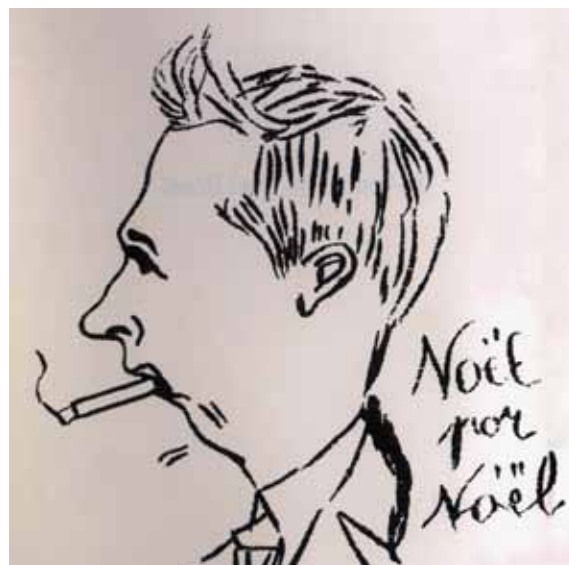
“Este álbum não é meu. É de Martha de Medeiros Rosa (minha mãe). Foi em 1929 que ella começou a juntar todos os artigos de jornaes e de revistas, catálogos de gravações e programmas de festas que trouxessem meu nome. No dia 9 de setembro de 1936, em Villa Izabel, os recortes colleccionados foram colados neste álbum.

N.B.: Os artigos que fallam mal da pessoa do Sr. Noël Rosa estão contornados de vermelho para serem encontrados mais facilmente.

*Rio de Janeiro, bairro de Villa Izabel.
Rua Theodoro da Silva, 130.*

Noël Rosa.

(Noël de Medeiros Rosa)” (sic)



17. Autocaricatura de Noel Rosa

Hoje, 75 anos após sua morte, Noel continua sendo tocado e cantado por intérpretes famosos e por novos artistas, conquistados pela beleza e contemporaneidade de sua obra.

Dona Ivone Lara

Não gosto de letra, não; deixo isso para os meus parceiros. Só faço se não tiver jeito. Meu negócio é mesmo a melodia. E ela pode aparecer assim, de repente. Enquanto eu estou dormindo, caminhando, até mesmo enquanto a gente conversa.

Dona Ivone Lara, em entrevista à jornalista Mila Burns





Yvonne da Silva Lara nasceu em 13 de abril de 1921, no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro, primeira filha da costureira Emerentina Bento da Silva e do mecânico José da Silva Lara.

Paralelamente ao trabalho, o casal tinha uma grande relação com a música: ele era violonista de sete cordas e desfilava no Bloco dos Africanos; ela era ótima cantora e emprestava sua voz de soprano a ranchos carnavalescos tradicionais do Rio de Janeiro, como o Flor do Abacate e o Ameno Resedá – nos quais Seu José também se apresentava. E foi justamente em um desfile do Ameno que o casal se conheceu e se apaixonou.

Os ranchos carnavalescos podem ser considerados uma das origens das escolas de samba. Surgiram no fim do século XIX, nascidos dos cordões, mas trazendo algumas novidades: além dos instrumentos de percussão, com que os cordões desfilavam, traziam violões, cavaquinhos, flautas e clarinetes.

Os ranchos desfilavam pela Avenida Rio Branco na segunda-feira e, em geral, tinham nomes de flor: Mimosas Cravinas, Papoula do Japão, Corbeille de Flores, Flor do Tinhoão, Kananga do Japão, Flor do Abacate, Ameno Resedá, etc. Arrastavam as classes

mais populares, enquanto a elite saía no domingo, nas grandes sociedades, como Fenianos, Tenentes do Diabo e Democráticos.

Emerentina estava grávida da segunda filha quando ficou viúva (Yvonne tinha 4 anos). Depois, veio a casar-se com Venino José da Silva, que assumiu as meninas e com quem teve mais dois filhos: Nilo e Valdir.

Aluna interna



2. Ginástica no Colégio Municipal Orsina da Fonseca

A família, então, mudou-se para uma casa maior, no Largo da Segunda-Feira, na Tijuca. Aos 10 anos, já alfabetizada, Yvonne foi estudar ali perto, no Colégio Municipal Orsina da Fonseca, um internato gratuito mantido pela então Prefeitura do Distrito Federal. Em seu livro *Nasci pra Sonhar e Cantar – Dona Ivone Lara: a Mulher no Samba*, a jornalista

Mila Burns descreve o Orsina como “bastante conhecido na cidade pelo rigor e pelos bons ensinamentos que transmitia às internas. Tinha inspetoras famosas pela severidade, mas também tinha professoras com uma formação educacional de qualidade, admiradas, inclusive, pelas classes mais altas”. O regime de aulas era integral, com atividades extracurriculares esportivas e culturais: as alunas entravam na segunda-feira de manhã e só saíam dois fins de semana por mês, para visitar a família.

Ao programa *Ensaio*, da TV Cultura, quando perguntada sobre as músicas que ouvia na infância, nossa personagem citou dois grandes sucessos de Francisco Alves: a marchinha *Dá Nela* (de Ary Barroso) e o samba *É Bom Parar* (de Noel Rosa e Rubens Soares).

Já os primeiros carnavais de que se lembra ela conta no livro *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, de Sérgio Cabral, e foram brincados perto do Largo da Segunda-Feira, com os primos Valentino, Hélio e Antonio (depois conhecido como Fuleiro), que eram filhos de sua tia Teresa. “A gente saía da Rua Industrial (que era uma transversal da Barão de Itapagipe) até a Praça Saens Peña. Quase sempre era eu que ia na frente, pedindo dinheiro de casa em casa. Não era um bloco muito organizado. Os homens se vestiam de mulher e as mulheres de homem. O pessoal lá de casa saía de cigano. Eu era a graça do grupo. Sambava muito bem e sabia dar aqueles passos que vovó me ensinou.”

O primeiro samba

Para a menina que ouvia Noel e Ary Barroso, compor samba foi um caminho natural. E, assim, aos 12 anos, surgiu *Tiê Tiê*: “Estava com meus primos Hélio e o Fuleiro. A gente viu um passarinho no quintal. Começamos a brincar com ele e, cantarolando, fizemos a música. Nós saíamos juntos no carnaval e *Tiê Tiê* era o nosso samba-enredo”.

*Tiê , tiê , olha lá... Oxá
Tiê , tiê , olha lá... Oxá
Passarinho estimado
Que me deu inspiração
Dos meus tempos de criança
Guardei na lembrança esta
recordação*

Yvonne fazia parte do orfeão (coral) do colégio, regido por Lucília Villa-Lobos, esposa do maestro Heitor Villa-Lobos. Com Lucília e com a cantora Zaíra de Oliveira (primeira mulher de Donga), aprendeu noções de harmonia e teoria musical. “Eu já era apaixonada por música (...) mas a experiência do canto orfeônico fortaleceu essa paixão. E me fez ser disciplinada, me ensinou a ter um sentimento musical, a apreciar uma bela melodia, uma harmonia bonita...”, ela contou em depoimento ao cantor, pesquisador e jornalista Pedro Paulo Malta.

Por se destacar entre as cantoras da escola, Yvonne integrou o *Orfeão dos Apinacás*, da Rádio Tupi, regido por Villa-Lobos. “Em uma apresentação de *A Lavadeira* (composição do Villa), eu, com 13 anos, fui chamada para ser a *crooner*. Tinham crianças do Instituto de Educação, do Amaro Cavalcante, do Bento Ribeiro, do João Alfredo. Todo mundo cantando num tom bem baixo e lá fui eu, com a minha voz”, disse a Pedro Paula Malta. (sic)

Viradas da vida

Em 1933, Dona Emerentina sofreu um infarto fulminante, e sua irmã, Maria, acolheu as sobrinhas em casa, no bairro de Madureira. Lá, nos fins de semana de folga do internato, Yvonne encontrou um ambiente ainda mais favorável ao seu desenvolvimento musical, entre bailes, ladainhas e blocos, como o de Seu Zacarias, cujos filhos seriam futuros fundadores da Escola de Samba Império Serrano. O bairro era conhecido pela tradição no jongo, um ritmo proibido às crianças, por seus



aspectos místicos e religiosos. Yvonne nunca pôde frequentar o jongo, embora sua tia Teresa, também moradora de Madureira, fosse exímia jogueira. Tia Teresa era mãe de Antônio Fuleiro. Àquela altura, nem poderia imaginar que, anos depois, faria história como diretor de harmonia do Império Serrano.

Embora frequentemente colocados na mesma árvore genealógica, a principal relação entre jongo e samba é que ambos são gêneros musicais nascidos no Brasil, mas de matrizes africanas. Sendo assim, era muito comum existirem jogueiros-sambistas e sambistas-jogueiros, em locais como o Morro da Serrinha, em Madureira (até hoje associado ao jongo), o bairro de Oswaldo Cruz e os morros de São Carlos, da Mangueira e do Salgueiro.

Ao completar a maioridade, Yvonne deixou o internato e foi morar em Inhaúma com o tio Dionísio, trombonista, chorão, amigo de Pixinguinha e Jacob do Bandolim e que seria decisivo para o caminho musical da sobrinha.

Em depoimento ao programa *Ensaio*, da TV Cultura, ela relembrou: “Quando chegava nos dias de ensaio, a gente assistia ao pessoal cantar, tocar. De vez em quando a gente cantava também. Principalmente quando estava compondo, tio Dionísio fazia questão que nós aprendêssemos para ele não esquecer. Nós éramos o gravador dele”.

Tio Dionísio compunha marcha-rancho: “Ficávamos lá, todos juntos, eu e meus primos, vendo como ele fazia as músicas. Ele ensinava a gente a cantar, educou muito o ouvido da gente, a gente cantava hinos e as marchas. Mas nenhum dos meus primos deu para músico”. Com o tio, Yvonne aprendeu a tocar cavaquinho, instrumento que a acompanharia por toda a carreira musical. Nessa altura,

sem condições de ser mantida por Dionísio, ela fez concurso e passou para a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. A ajuda de custo que ganhava, mesmo sendo pequena, entregava em casa para auxiliar nas despesas.

Trabalho no hospital

Depois de formada, Yvonne foi trabalhar na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Fez faculdade de Serviço Social, e o diploma lhe garantiu uma vaga no Hospital Gustavo Riedel, do Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro, onde permaneceu até a aposentadoria, em 1977. “Depois de 40 anos de serviço, me aposentei. E hoje sou artista!”, ela contou na entrevista ao programa *Ensaio*.



3. Como enfermeira, na Colônia Juliano Moreira

Sobre o trabalho, comentou no livro de Mila Burns: “Tratar de doente não é nem um pouco estressante. A doutora Nise da Silveira era minha supervisora no serviço social. Ela ainda não tinha começado a fazer tratamentos tão revolucionários, mas já sabia que era importante avaliar a família dos pacientes. Tive a oportunidade de descobrir muitos músicos entre os internos. Gente que não tinha qualquer contato com o mundo mas que, quando via um instrumento, volta e meia contava uma história ligada à música. Todo aniversário do hospital tinha festa e os músicos éramos todos nós: enfermeiros e doentes. Uma coisa linda! Aprendi muito

sobre as pessoas, com a Dra. Nise e com esse trabalho”. E, como declarou depois a Pedro Paulo Malta, ali constatou, na prática, o imenso poder curativo da música.

O casamento

De tanto frequentar os pagodes da casa de Alfredo Costa, Yvonne engatou um namoro com seu filho, Oscar, com quem se casou em 1947, passando a morar, parede com parede, com a sede da escola de samba Prazer da Serrinha, que funcionava na casa dos sogros. E, embora ela sempre tenha dito que o marido não gostava de samba (tanto que, em dia de ensaio, costumava sair para passear), Oscar era componente da bateria da Serrinha.

De índole calma, segundo Yvonne, ele gostava de samba e choro. Só rejeitava mesmo era o ambiente de boemia. Mas não se opunha à ida da esposa aos pagodes e, às vezes, até ia junto (a contragosto, mas ia).

Ele vivia de biscates, e o sustento da casa vinha sobretudo do trabalho de Yvonne, que, além de dona de casa, tinha o hospital e o samba. “Eu gostava de estar no meio dos sambistas, me divertia com eles, extravasava minhas tristezas. Mas era só o meu lazer, e nunca deixei isso atrapalhar a profissão”, disse a Mila Burns. O casal teve dois filhos homens: Alfredo e Odir.

Prazer da Serrinha

Um dos principais redutos dos foliões de Madureira era o Prazer da Serrinha. A escola, porém, amargava colocações baixas nos desfiles, para tristeza de seus compositores, que viam os sambistas do bairro vizinho, Oswaldo Cruz, festejarem os títulos da Portela. A insatisfação foi crescendo, e as reclamações também aborreciam Alfredo Costa. “Meu sogro era ditador mesmo”, reconhece Dona Ivone, em entrevista a Pedro Paulo Malta:

“Só se fazia na escola o que ele queria. Tudo tinha que passar por ele, que afinal era quem botava dinheiro ali”. E declarou, no livro de Sérgio Cabral, que tinha 22 anos de idade na primeira vez em que desfilou no Prazer da Serrinha. Chegou a ensaiar para desfilir como porta-bandeira, mas, no final, saiu vestida de soldadinho.

Disse que até compôs para a escola: “Eu já fazia minhas coisinhas, meus sambinhas, só que ninguém podia saber que os sambas eram meus. Não podia aparecer como compositora. Eu dava para o Fuleiro e o Fuleiro apresentava o samba como se fosse dele”.

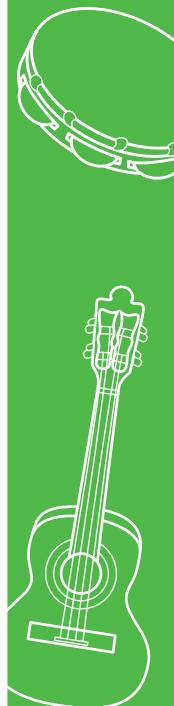
No carnaval de 1946, usando a prerrogativa de *dono* da escola, Alfredo Costa desclassificou um samba de Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola para impor outro, de pior qualidade. A situação ficou insustentável, e o grupo de insatisfeitos fundou, em 1947, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, no bairro de Madureira.



4. Primeiro estandarte da Escola de Samba Império Serrano

No Império Serrano

Yvonne não pôde seguir seus amigos sambistas naquele momento, pois, além de ter entrado para a família Costa, morava em uma casa contígua à do sogro. “Ia ser estrangeira”, disse a Sérgio Cabral, mas a transferência foi uma questão de tempo. “Logo depois acabou o Prazer da Serrinha, e todo o mundo foi para o Império.”



O Império Serrano conquistou o título de campeão nos primeiros quatro carnavais em que desfilou (1948 a 1951). Seu principal trunfo era a ala de compositores, com gente inspirada como Aniceto Menezes, Nilton Campolino, Penteado, Antonio Fuleiro e Silas de Oliveira, até hoje considerado o maior compositor de samba-enredo de todos os tempos.

Em 1947, Yvonne foi admitida na ala de compositores do Império. Seu primeiro samba para a escola, *Não Me Pergunte*, parceria com Fuleiro, é até hoje um dos hinos imperianos, que soou como um recado a Alfredo Costa sobre a troca do Prazer da Serrinha pelo Império.

*Não me pergunte
Pra que samba eu vou
Porque eu direi
Eu vou pro Império, sim senhor
Sou imperiano
Na alegria e na dor*

*Sou Império de verdade
Tenho personalidade
Ser Império não é favor
Dono de muitas vitórias
Das quais eu sou testemunha
E honro as suas glórias*

O parceiro Silas

Com Silas de Oliveira e Bacalhau, Yvonne compôs *Os Cinco Bailes da História do Rio*, para o carnaval do Império, em 1965, o primeiro samba-enredo com a assinatura de uma mulher:

*Carnaval, doce ilusão
Dê-me um pouco de magia
De perfume e fantasia
E também de sedução*

*Quero sentir nas asas do infinito
Minha imaginação
Eu e meu amigo Orfeu
Sedentos de orgia e desvario
Cantaremos em sonho
Os cinco bailes da história do Rio*



5. Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola

O maior incentivo para ela ter composto o samba veio de Fábio Mello, jornalista da *Última Hora* e diretor da ala de compositores da escola. Segundo Yvonne contou no livro de Mila Burns, “ele dizia que o Império tinha nascido lançando novidades e que gostava muito de continuar trazendo coisas novas a cada carnaval. (...) Aquele ano, se virou para mim e disse: você vai ser a novidade. Vamos colocar uma mulher mesmo, assinando o samba ao lado dos homens”.

Os Cinco Bailes da História do Rio foi composto na casa de Silas de Oliveira, no início de 1965 (ano do quarto centenário do Rio, em que a cidade era enredo de todas as escolas). Yvonne chegou à casa do amigo Silas e o encontrou compondo com o parceiro Bacalhau.

Ela contou a Pedro Paulo Malta: “Nunca que chegava o fim aquele samba. Coloquei muitos pedaços ali, mas só de melodia, a começar pela introdução. No dia da defesa, eles se esqueceram do samba... Só lembravam da parte deles. Telefonaram para o hospital, para eu correr para a Serrinha, mas nunca que eu ia fazer aquilo! ‘Ou vocês dão um jeito de lembrar ou transferiram a apresentação!’ Transferiram. (...) Quando chegou na hora da disputa, quem cantou o samba fui eu. Silas e Bacalhau ficaram do lado fazendo mímica”.

De Yvonne a Ivone

Yvonne deixou a ala de compositores do Império em 1968, quando Mestre Fuleiro saiu da direção de harmonia. Passou a desfilar somente na ala das baianas. Em 1970, ela fez sua primeira gravação, no disco coletivo *Sargentelli e o Sambão*. Eram dois sambas em parceria com Mano Décio da Viola: *Sem Cavaco Não* e *Agradeço a Deus* (letra abaixo).

*A você eu jurei, não amar mais ninguém
Porque meu coração já cansou de sofrer
E é triste é cruel a dor de uma paixão
Cansei de ser escravo da desilusão*

Na ocasião, Oswaldo Sargentelli e Adelzon Alves, produtores do LP, sugeriram a Yvonne adotar o nome artístico de Dona Ivone Lara e deixar a grafia francesa, Yvonne, somente para os documentos. Ela reclamou: “Por que Dona? Ainda sou nova. Não tenho nem 50 anos...”. Mas eles insistiram, e assim foi.



6. Na ala das baianas da Império

Perdas importantes

Em 1972, ela perdeu o amigo Silas de Oliveira, falecido em consequência de um ataque cardíaco enquanto participava de uma roda de samba em um clube.

Dali em diante, por iniciativa de Oscar (que não se conformava com a tristeza da mulher), seu parceiro principal passou a ser Delcio Carvalho, com quem fez *Derradeira Melodia*, pouco depois da morte de Silas:



*Quando a voz do poeta calou
A natureza chorou forte
E o seu pranto batendo no chão
parecia
Acompanhar a derradeira
melodia
Que ainda pairava pelo ar*



7. Com o parceiro Delcio Carvalho

Em seguida, veio *Alvorecer*, primeiro sucesso da dupla, em gravação de Clara Nunes. No mesmo ano (1974), Dona Ivone Lara participou de outro projeto coletivo dos mesmos Oswaldo Sargentelli e Adelson Alves.

*Olha como a flor se acende
quando o dia amanhece
Minha mágoa se esconde
A esperança aparece
O que me restou da noite
O cansaço, e a incerteza
Lá se vão na beleza deste lindo
alvorecer*

Em 1975, Dona Ivone ficou viúva: Oscar sofreu um infarto fulminante, aos 52 anos. Pouco antes, o filho Odir tinha sofrido um acidente grave de carro, que o deixou 45 dias em coma.

Acredita-se que o estado de tensão vivido pela família foi decisivo para a morte de Oscar. “Foi uma época de muita tristeza e só a música trazia inspiração mesmo”, contou

Dona Ivone a Mila Burns. “O Delcio fazia letras tristes, porque olhava para mim e sabia o que eu estava querendo dizer com as melodias que escrevia.”

Aposentado por invalidez desde o acidente, Odir morou com Dona Ivone até falecer, em 2008. Já o outro filho, Alfredo, é vivo e casado com Eliane. Deu dois netos a Dona Ivone: Jorge Augusto e André Luiz, que toca banjo, cavaquinho e é parceiro da avó, em sambas como *Investida Fatal* (também em parceria com Bruno Castro), lançado em 2006 pelo Quarteto em Cy.

*Foi como a dor de um punhal
Investida fatal
Derradeira cartada
Pôs em cheque o seu valor
E o céu acinzentou
No amargo desse caos*



8. Com o neto e parceiro André Luiz

Embora já tivesse gravado e feito um show solo (em 1974, na boate Monsieur Pujol, com direção de Sérgio Cabral), só em 1977, ao se aposentar, foi que ela passou a se dedicar exclusivamente à carreira musical.

No ano seguinte, lançou o primeiro LP, *Samba Minha Verdade, Samba Minha Raiz*, e foi uma das atrações do Projeto Pixinguinha, viajando com sua música por todo o país.

Para quem fazia samba até dormindo, uma das grandes inspirações foi *Sonho Meu*, que estourou também em 1978, na voz de Maria Bethânia: “Aquilo foi um sonho que eu tive. Fiquei com a melodia um tempão, cheguei a botar uma letra, mas não gostei. Até que entreguei ao Delcio, com a única exigência que ele deixasse ‘*Sonho meu, vá buscar quem mora longe, sonho meu...*’ E ele fez a letra que todos conhecem”.

*Sonho meu, sonho meu
Vai buscar quem mora longe,
sonho meu
Vai mostrar esta saudade, sonho
meu
Com a sua liberdade, sonho meu
No meu céu a estrela-guia se
perdeu
A madrugada fria só me traz
melancolia
Sonho meu*



9. Encontro com Maria Bethânia

Em 1980, emplacou outro grande sucesso na voz de Bethânia: *Alguém Me Avisou*, gravada com o irmão Caetano Veloso e com Gilberto Gil.

*Foram me chamar
Eu estou aqui, o que é que há?
Eu vim de lá, eu vim de lá
pequeninho
Mas eu vim de lá pequenininho
Alguém me avisou pra pisar nes-
se chão devagarinho*

(...)

*Quando eu voltar na Bahia
Terei muito que contar
Ó padrinho não se zangue
Que eu nasci no samba
E não posso parar
Foram me chamar*

Sobre a sintonia entre Dona Ivone e Delcio, há depoimentos dos dois no livro de Mila Burns. Ele disse: “Normalmente a Dona Ivone faz a melodia primeiro, e me mostra. É impressionante como a música é clara, e me diz exatamente o que ela queria falar quando pensou naquele andamento. Aí, com isso na cabeça, faço a letra. Ela diz que eu descobro o que ela pensou”. Dona Ivone confirmou: “Com o Delcio acontecia uma coisa engraçada. Ele ouvia a melodia e parecia que ficava inspirado para escrever a letra na mesma hora. Uma coisa extraordinária. A gente ficava numa apreciação de um pelo outro, sabe? Sentava, ouvia, trocava ideias. Nunca aconteceu de ele me mostrar uma letra e eu ficar na dúvida, achar que estava ruim ou diferente do que eu tinha pensado. De todas eu gostei”.



10. Capa do disco da coleção *Grandes Nomes da MPB*

Uma das grandes parcerias, entre as 52 que fez com Delcio, foi *Acreditar*, nascida da introdução de *Nasci para Sonhar e Cantar*.

*Acreditar, eu não
Recomeçar, jamais
A vida foi em frente
E você simplesmente não viu
que ficou pra trás
(...)
E eu que agora moro nos braços
da paz
Ignoro o passado
Que hoje você me traz*

Já o samba *Mas Quem Disse que Eu Te Esqueço*, em parceria com Hermínio Bello de Carvalho, surgiu durante uma das turnês com o Projeto Pixinguinha.

Hermínio entregou um papel cheio de versinhos e pediu para ela musicar. Dona Ivone contou a Pedro Paula Malta: “Fiquei lendo aquilo de tarde... Gostei muito da frase ‘Mas quem disse que eu te esqueço’. Depois é que botei a música. Não tinha gravador, mas naquela época a cabeça ainda estava boa. À noite, cheguei com o samba: ‘Está pronto!’ Ele ficou admirado”.

*Saudade amor, que saudade
Que me vira pelo avesso, e revira
meu avesso
Puseram uma faca no meu peito
Mas quem disse que eu te
esqueço*



11. Nos palcos cariocas

Samba no Municipal

A edição 2010 do Prêmio de Música Brasileira, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, foi em sua homenagem.

No espetáculo dirigido por Rildo Hora, artistas como Caetano Veloso, Maria Gadú, Lenine, Roberta Sá, Arlindo Cruz, Delcio Carvalho, Ana Costa, Nilze Carvalho e o grupo Casuarina interpretaram as músicas da grande dama do samba, Dona Ivone Lara.



12. A grande dama do samba

Foram dez discos solo: Samba Minha Verdade, Samba Minha Raiz; Sorriso de Criança; Sorriso Negro; Alegria, Minha Gente (Serra dos Meus Sonhos Dourados); Ivone Lara; Bodas de Ouro; Nasce pra Sonhar e Cantar; Sempre a Cantar; Canto de Rainha; e Nas Escritas da Vida.

Ao final da década de 1990, ela participou, ainda, de discos coletivos, como Pirajá – Esquina Carioca; Os Meninos do Rio; e Clássicos do Samba. Em 2002, o pianista Leandro Braga dedicou um CD a sua obra: Primeira Dama – A Música de Dona Ivone Lara.

Dorival Caymmi

Eu vejo a canção. Depois de ela toda vista começa a nascer a combinação: letra e música. (...) O processo de fazer canções vem (...) do gostar. Gostar das coisas, de um fato, da natureza, das pessoas. Do motivo. (...) Esse motivo, um belo dia, lhe provoca aquele tipo de olhar com aqueles olhos que eu falei... E esses olhos vão ver a canção. Eles veem e realizam.

Documentário *Um Certo Dorival Caymmi*, de Aluísio Didier





Durval Henrique e Aurelina Cândida (Dona Sinhá) já haviam tido três filhos (Hildebrando e Maria de Lourdes, que nasceram mortos, e Deraldo) quando Dorival chegou, a 30 de abril de 1914, em Salvador. Depois dele, vieram as meninas Dinah e Dinahir. A inicial D, de Deus, repetida nos quatro filhos, foi uma promessa de Aurelina logo que perdeu os mais velhos.

violão, piano e bandolim. Charmoso, elegante e boêmio, dançava muito bem o maxixe e o samba de umbigada. Sinhá, dona de casa, também tocava bandolim. Era durona com o marido, um conquistador incorrigível.

Família festeira

A família promovia saraus animados, ao som de valsas, operetas, árias de ópera e modinhas de Cândido das Neves e Catullo da Paixão Cearense. Sinhá cantava, e Durval, além de tocar, declamava.

Mas, apesar de viver nesse ambiente, o momento que Dorival definia como seu “despertar para a música” se deu fora de casa, quando ele tinha apenas 4 anos. Estava perto da casa de vizinhos quando ouviu um som diferente que imediatamente captou sua atenção: era a canção erudita *Élégie*, do francês Jules Massenet, que tocava na vitrola. “Foi um despertar violento com *Élégie*, que me provocava um sentimento pungente, uma melancolia. Parece que chorei, mas eu era tão pequeno, meu Deus...”, lembrou no livro *Dorival Caymmi – O Mar e o Tempo*, de sua neta Stella Caymmi.

As festas tradicionais de Salvador também movimentavam a família, e o menino Dorival adorava, especialmente, as do mês de janeiro, como a de Nosso Senhor dos Navegantes,



2. Dorival, com 6 meses de idade

Durval e Aurelina se casaram em 27 de novembro de 1909, data de nascimento da cantora Carmen Miranda, cuja carreira seria tão ligada à de Dorival.

Funcionário da alfândega baiana, Durval trabalhava na fiscalização dos navios que aportavam na Baía de Todos os Santos. Tocava

que inspirou sua canção *Festa de Rua*, o Dia de Reis e a Festa do Bonfim. Gostava, também, das festas juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro, datas em que Sinhá preparava canjica, bolo, licor de jenipapo e outras deliciosas guloseimas.

Até os 11 anos, Dorival e sua família moraram na Rua Direita da Saúde. Desse tempo, ele guardou a saudade de jogar bola com os irmãos, de caçar com estilingue, de soltar pipa e de comer fruta no pé.



3. Dinah, Dorival, Dinahir, Zezinho (atrás) e Deraldo

Uma lembrança forte era a das vendedoras de acarajé que passavam, quebrando o silêncio da noite, pontualmente às dez horas. “Eu era menino ainda e já me impressionava o pregão da negra. (...) Quanto mais distante, mais parecia um lamento. E, além do pregão, ela, ao descansar o tabuleiro para vender o acarajé apimentado e o abará, costumava dizer aquilo que, anos depois, eu tomaria como motivo para a letra da música que fiz: ‘Todo mundo gosta de acarajé, mas o trabalho pra fazê é que é’. (...) Em verdade, essa canção é muito mais daquela preta que vendia acarajé na minha rua do que mesmo minha...”

*Dez horas da noite
Na rua deserta
A preta mercando
Parece um lamento:
– lê o abará... (...)*



4. A preta do acarajé, segundo Caymmi

As mulheres de saia eram ex-escravas que continuavam nas famílias, em geral cuidando da casa e das crianças.

Mulheres de saia

Uma particularidade da casa de Caymmi e de outras na Bahia, nas primeiras décadas do século XX, eram as “mulheres de saia”, ex-escravas que, por opção, continuavam ligadas às famílias para as quais trabalhavam. “Andam de saia e torço, que é o turbante, com contas, aqueles correntões, anáguas engomadas, com uma estamparia bonita das roupas, pano da costa no ombro. (...) Eu ouvia histórias infantis contadas por elas em que o linguajar era entre o português e o iorubá, o nagô”, declarou no livro de sua autoria *Cancioneiro da Bahia*.

Foi em homenagem a uma dessas mulheres que Caymmi compôs *História pro Sinhozinho*. “Era uma preta velha, vinha do tempo da minha avó, chamada Sinhá Inocência. Embalava a gente nos seus braços trêmulos, contava histórias, e que histórias! Uma das mais belas possuía um refrão do qual jamais me esqueci. Sobre ele, e em lembrança de Inocência, escrevi essa canção.” (Letra a seguir)



*Na hora em que o sol se
esconde
E o sono chega
O sinhozinho vai procurar
Hum, hum, hum
A velha de colo quente
Que canta quadras e conta
histórias
Para ninar*

*Faz a gente querer bem
A Bahia tem um jeito,
Que nenhuma terra tem!*

A casa dos Caymmi era um desses sobradões, com três janelas grandes dando para a rua. Através delas, Dorival via construções coloniais de estilo barroco que inspiraram os primeiros desenhos de sua autoria, revelando um talento que, junto ao da música, o acompanharia por toda a vida e seria demonstrado em telas a óleo e capas de disco.

No Pelourinho



5. O Pelourinho nos anos 1950

Em 1925, a família foi morar perto do Pelourinho, com seus velhos sobrados, como Dorival cantaria no samba *Você Já Foi à Bahia?*.

*Você já foi à Bahia, nêga?
Não? Então vá!
(...)
Nas sacadas dos sobrados
Da velha São Salvador
Há lembranças de donzelas
Do tempo do Imperador.
Tudo, tudo na Bahia*

O traço perfeito aparecia também na caligrafia, tanto que os colegas do colégio pediam para ele copiar as letras do Hino Nacional e do Hino da Bandeira em seus cadernos. Em troca, ofereciam-lhe ingressos para o cinema. “Eu ia às matinês do Cinema Jandaia por conta da minha caligrafia”, contou no livro de sua neta.

Um amigo do peito

O mais sossegado dos irmãos. “Ele era mais de livros, recortes de cantores americanos, aquele negócio de orquestra, sempre foi muito chegado à música, ao desenho”, contou a irmã Dinahir, em depoimento a Stella Caymmi. Mas isso não impedia que se divertisse como os garotos de sua idade.

Zezinho, que morava do outro lado da rua, era o companheiro inseparável, “o primeiro amigo, o amigo certo”, com quem corria pelas ladeiras e becos de Salvador, passava horas na Biblioteca do Estado (os dois eram loucos por livros) e metia-se em incríveis aventuras.

“Zezinho era assim na minha vida: o indispensável. Porque o que eu tinha de tímido, Zezinho tinha de atrevido, de ousado, de malandro. Muito bem educado, mas muito traquinas”, disse Caymmi no programa Ensaio, da TV Cultura (1972). “Zezinho, de espírito muito engraçado, que teve grande influência na minha vida. Sobre tudo essa

vida que eu levo. A vida do compositor, do músico, do cantor.” Com Zezinho, também, ele escrevia folhetins em versos e cantava em dueto os sucessos musicais que ouvia no rádio. Foi para o amigo que mostrou sua primeira composição: a toada *No Sertão*, escrita quando ele tinha entre 11 e 13 anos.

*Lá no sertão
Nasce a vida e a alegria no
coração
Lá no sertão
Nasce a vida e a alegria no
coração
Nosso amor nasceu pelo São
João
Na roda brejeira
Na fogueira ao soluçar de um
violão*



6. Os inseparáveis Zezinho e Dorival

Da mesma época, é o foxtrote *No Cinema*, uma verdadeira declaração de amor ao cinema do menino que colecionava revistas sobre filmes e artistas como: *A Cena Muda*, *Para Todos*, *Selecta* e *Cinearte*.

*Garota bonita da cor de Iracema
Que vai ao cinema às duas da
tarde
Que fala em Ramon, que fala em
John
Mas que não fala em mim
Estilo ao violão*

Dorival Caymmi começou a tocar violão sozinho, praticando às escondidas no instrumento de Durval. Certo dia, foi flagrado pelo pai. “Quem mandou você pegar o violão? Aliás, você está tocando errado, você tá tirando pitada, não está tocando”, disse. Depois, teve aulas com um tio, estudou em um método.

“Eu puxava as cordas do violão de uma raspada só, com um dedo, o que, tecnicamente, era considerado errado.”

“Meu pai teve que aturar as pitadas um bocado de tempo, até eu aprender a tirar o arpejo”, contou à neta Stella. “Acontece que eu preferia sempre a harmonia alterada, porque descobri, depois que fiz muita coisa de orelhada, que a harmonia realmente pode ser exótica, com as sétimas, as nonas, a inversão de acordes. Deve ser instintivo, porque desde pequeno acho que o som deve ter outra beleza, além do acorde perfeito (...). Papai dizia que não estava certo, porque o meu arpejo, a maneira com que eu puxava as cordas do violão, não levava os dedos certos. Eu puxava as cordas de uma raspada só, com um dedo, o que tecnicamente era considerado errado. Mas, nesse sistema, embora errado, consegui tirar os acordes que sentia instintivamente.”

Separação dos pais

Em 1927, Sinhá foi morar com a irmã Vivi, depois de se separar de Durval, mas visitava diariamente os filhos, que ficaram com



o pai. A separação entristeceu muito os irmãos Caymmi, e uma das diversões era visitar a casa do tio Nonô, de onde podiam ver o vaivém dos festejos de rua de Salvador.



7. Durval e Aurelina, a Sinhá

Nonô tinha uma oficina de ourivesaria, e foi lá que Dorival viu uma joia de prata cheia de penduricalhos: figa, cachinho de uva, pinha, caju, boneco... “Isso é o chamado balangandã”, ensinou o tio. “Quem não tem balangandãs não vai ao Bonfim”, disse, reproduzindo um ditado da época. Era a deixa para Dorival compor *O que É que a Baiana Tem?*. “Eu escrevi a palavra balangandãs e saboreei”, relatou no depoimento à neta.

*O que é que a baiana tem?
Tem bata rendada, tem!
Pulseira de ouro, tem!
Tem saia engomada, tem!
Sandália enfeitada, tem!
(...)
Um rosário de ouro, uma bolota
assim
Ai, quem não tem balangandãs
Não vai no Bonfim*

O mar de Itapuã

Em 1931, Durval e os filhos se mudaram para o bairro do Barbalho, próximo a Itapuã, cuja

grafia era “Itapoã”, na época, um areal repleto de coqueiros e com alguns casebres de pescadores. O lugar conquistou Caymmi. “Via a gente de lá com roupas simples, chapéu de palha, aquelas agulhas de tecer rede, tudo feito por eles mesmos. Fui me acostumando e vendo a poesia do mar, aquele processo de puxar rede, comer o peixe na hora, muito xaréu”, contou a Stella.



8. Praia de Itapoã, segundo Dorival

De lá, veio a inspiração para boa parte das composições que mais adiante classificaria como canções praieiras. Do trabalho ritmado e repetitivo dos pescadores, nasceu o compasso de *Pescaria (Canoeiro)*:

*Cerca o peixe, bate o remo
Puxa a corda, colhe a rede
Ô canoeiro puxa a rede do mar*

Do ronco do mar na pedra, surgiu *Saudade de Itapoã*:

*Coqueiro de Itapoã, coqueiro
Areia de Itapoã, areia
Morena de Itapoã, morena
Saudade de Itapoã me deixa*

O Bento de *A Jangada Voltou Só* existiu: era um dos heróis daquele areal. Já o pescador Carapeba era o próprio *João Valentão*.

*João Valentão é brigão
Pra dar bofetão
Não presta atenção
E nem pensa na vida
A todos, João intimida
Faz coisas que até Deus duvida*



9. Autorretrato de Dorival Caymmi

Mas, para o compositor, *O Mar* é a mais representativa de suas canções praieiras.

*O mar quando quebra na praia
É bonito, é bonito*

As lendas locais também foram contadas em *A Mãe d'Água e a Menina* e em *A Lenda do Abaeté*. Muitas histórias de assombração eram contadas sobre a Lagoa do Abaeté, ali pertinho da praia de Itapuã, com sua areia fina e branca contrastando com a água escura. Pois as lavadeiras que frequentavam o local falavam de batucadas misteriosas. “As lavadeiras diziam que havia um baticum que se ouvia de noite (...) debaixo da lagoa”, relatou Caymmi a Stella.

Nas ondas do rádio

A primeira apresentação em rádio foi nos anos 1930, na Rádio Clube da Bahia, onde cantou por três anos, ao mesmo tempo que participava de programas nas emissoras

Comercial e Sociedade da Bahia. Na época, formou o conjunto Três e Meio, que o acompanhava nas apresentações, tendo no repertório sucessos de Carmen Miranda, Francisco Alves, Noel Rosa, Moreira da Silva e outros. “Zezinho, no cavaquinho, Deraldo, no tambor, eu, no violão, e Luiz, irmão menor de Zezinho (o Meio, de Três e Meio), no pandeiro”, contou Dorival na biografia escrita pela neta.

Em uma dessas apresentações, ele foi ouvido pela professora de canto Amanda Costa Pinto, que gostou tanto de sua voz (classificada como barítono cantante) que o convidou para atuar como solista nas festividades da Igreja da Conceição da Praia. Depois, Caymmi fez algumas aulas de canto com ela.

O grupo Três e Meio acabou virando atração do carnaval baiano e tinha até figurino: calças e sapatos brancos, camisa azul-marinho e chapéu metálico.

Caymmi arrematou o primeiro e o terceiro lugares no concurso de músicas da Rádio Comercial, na Bahia.

Naquele ano de 1936, Caymmi ganhou o concurso Ouça e Julgue, promovido pelo jornal *O Imparcial* e pela Rádio Comercial, com o samba *A Bahia Também Dá*, e levou ainda o terceiro lugar, com a marcha *Lucila*. *A Bahia Também Dá* (letra abaixo) enumera bairros de Salvador que contavam os dias para a folia. Era quase que uma resposta ao carioca Noel Rosa, compositor de *Palpite Infeliz*, samba que dizia: *São Paulo dá café, Minas dá leite e a Vila Isabel dá samba*.

*Tá chegando o carnaval
E a macacada tem
Tem que se alistar
Jacaré e Liberdade
Curva Grande, Pau Miúdo
Tá na hora de enfezar*



Mas, paralelamente à vida de compositor popular, ele tentou ganhar a vida como vendedor ambulante, acompanhando o amigo Zezinho. Não deu certo. Tinha passado, também, na prova para escrivão em Irecê, no interior do estado, só que a nomeação não saiu. Sem perspectivas na Bahia, decidiu se mudar para o Rio de Janeiro.

Um baiano no Rio



10. Caymmi no Rio de Janeiro. Ao fundo, o Pão de Açúcar

Com uma mala pequena, algum dinheiro e uma caixa de charutos, dados pelo pai, o livro *Três Poetas de Sua Vida* (Stefan Zweig) e o violão Giannini, presentes de Zezinho, Dorival chegou ao Rio de Janeiro. Era o ano de 1938.

Estava sendo esperado por outro sobrinho da tia Vivi, José Brito Pitanga, que o levou a uma pensão no Centro, onde hoje fica o Terminal Rodoviário Menezes Cortes. Foi Pitanga quem conseguiu um cartão de apresentação assinado por Assis Valente e endereçado a Cesar Ladeira, para Caymmi levar à Rádio Mayrink Veiga. Ladeira não o contratou.

Tempos depois, indicado pelo compositor Ubirajara Nesdan (que conheceu no Café Nice), foi à Rádio Nacional procurar Lamartine Babo. Escalado para se apresentar no programa *Clube dos Fantasma*s, à meia-noite, Caymmi cantou *Noite de Temporal*.

*É noite, é noite
Helambaê helambaio
Pescador não vai pra pesca
Que é noite de temporal
Pescador não vai pra pesca
Que é noite de temporal*

Visivelmente espantado, Lamartine comentou no ar: “Isso é meia-noite!”, provavelmente estranhando a letra dramática, a melodia impressionista e os acordes incomuns trazidos por aquele novo baiano. E, mais uma vez, nada de contrato.

Caymmi resolveu, então, tentar a sorte como cartunista na revista mais popular da época: *O Cruzeiro*. Lá, o repórter Edgar Pereira sugeriu que ele desse mais uma chance ao rádio e o encaminhou para a Tupi. Ao ouvir sua interpretação de *No Sertão* e *Noite de Temporal*, Assis Chateaubriand, dono do grupo Diários Associados, ao qual a emissora pertencia, declarou: “Este homem é um telúrico, um homem da terra, um poeta. Ele tem que ficar na taba”.



11. O sucesso nas ondas da Nacional

A estreia foi em junho, cantando *Noite de Temporal*, como uma das atrações da festa junina da rádio, ao lado de Herivelto Martins, Dalva de Oliveira e outras estrelas.

Mas, em agosto, ele já se transferiria para a Rádio Transmissora e, logo depois, para a Rádio Nacional, que era a emissora mais popular do Brasil, a convite do cantor, compositor e radialista Almirante. Na estreia, teve como acompanhante e arranjador ninguém menos que o grande Radamés Gnattali.

Almirante também o levaria à casa de Carmen Miranda, para mostrar a música *O que É que a Baiana Tem?*, que seria inclusa no filme *Banana da Terra*, estrelado pela cantora. Carmen adorou aquele samba de roda estilizado, e, a partir dali, ela e Caymmi formaram uma dupla de sucesso.



12. Caymmi e Carmen Miranda no cinema

A amizade entre os dois se firmou, e Caymmi foi convocado a acompanhá-la ao ateliê do figurinista J. Luiz e à Casa Turuna para

ajudar na compra dos adereços que ela usaria no filme: rosários, brincos de argola, gargantilha dourada e balangandãs.

Durante a gravação, lá estava ele, atrás da câmera, dirigindo a cantora, no gestual com as mãos e no jeito de revirar os olhos. Ele também participou da gravação do áudio, embora não aparecesse em cena.

O sucesso de *O que É que a Baiana Tem?* levou a dupla a gravar um disco de 78 rotações que tinha *A Preta do Acarajé* no lado B. Isso em 1939, mesmo ano em que ele fez dueto para outro disco da cantora, na música *Roda Pião* (composição dele). A gravadora era a Odeon, a mesma que lançou seu primeiro disco solo, em setembro daquele ano, com *Rainha do Mar* e *Promessa de Pescador*.

*Alodé lemanjá odoiá!
Alodé lemanjá odoiá!
Senhora que é das águas
Tome conta de meu filho
Que eu também já fui do mar
Hoje tou velho acabado
Nem no remo sei pegar...
Tome conta de meu filho
Que eu também já fui do mar*

Casamento relâmpago

O ano de 1939 ainda reservaria duas boas notícias: o ingresso na Rádio Mayrink Veiga e o encontro com o conterrâneo e amigo eterno Jorge Amado.

Os dois se conheceram “no meio do caminho entre o Café Belas Artes e o Café Nice”, como contou Stella Caymmi na biografia do avô. O grande escritor, junto com Antônio Maria, Fernando Lobo, Samuel Wainer, Otávio Malta e Carlos Lacerda, integrou o grupo de grandes amigos que Dorival fez no Rio de Janeiro: todos eles jornalistas e/ou compositores, além de boêmios convictos.



Na virada para a década de 1940, ele se apaixonou pela cantora mineira Adelaide Tostes, conhecida como Stella Maris, ao vê-la cantar *Último Desejo*, de Noel Rosa, no estúdio da Rádio Nacional. Em março, já estavam noivos e, em abril, casados; Dorival, com 26 anos, e Stella, com 18.

Da união, nasceram: a cantora Nana; o compositor, arranjador e violonista Dori; e o cantor, compositor e flautista Danilo. A família morou nos bairros do Grajaú, do Leblon, do Jardim Botânico, passou por São Paulo e Salvador até os anos 1950, quando Dorival e a mulher se mudaram para Copacabana.



13. Os filhos Dori, Nana e Danilo, na Praia do Leblon

Nos anos 1940, o maior sucesso, talvez em toda a sua obra, foi o samba-canção *Marina*, lançado em 1947 e regravado mais de 150 vezes por cantores consagrados, como: Francisco Alves, Dick Farney, Nelson Gonçalves e outros, além do próprio compositor.

Dorival conta que começou a compor *Marina* com base em uma frase que o filho Dori repetia sempre que se zangava com ele: “Tô de mal com você!”.

*Marina, morena
Marina, você se pintou
Marina, você faça tudo
Mas faça um favor
Não pinte esse rosto que eu
gosto*

*Que eu gosto e que é só meu
Marina, você já é bonita
Com o que Deus lhe deu
(...)*

*Desculpe, Marina, morena
Mas eu tô de mal
De mal com você*

Uma década de sucessos

Os anos 1940 consolidaram a carreira musical de Caymmi. Foram muitos sucessos registrados em discos, gravados por ele ou por outros artistas: *O Dengo Que a Nega Tem*, *O Samba da Minha Terra*, *Requebre que Eu Dou um Doce*, *Você Já Foi à Bahia?*, *A Jangada Voltou Só*, *É Doce Morrer no Mar*, *Vatapá*, *Rosa Morena*, *Acontece que Eu Sou Baiano*, *Vestido de Bolero*, *Doralice*, *365 Igrejas*, *A Vizinha do Lado*, *Saudade de Itapoã*, *Nunca Mais* e *Marina*, como já mencionado.

Para a filha Nana, ele compôs *Acalanto*, que gravou em 1943, junto com a mulher Stella Maris, e que virou o tema de encerramento da programação nas emissoras de rádio dos Diários Associados.

Em 1951, ao fundar a primeira televisão brasileira (TV Tupi), Assis Chateaubriand escolheu novamente *Acalanto* para a trilha sonora do boa-noite aos brasileiros. Só que, agora, pela TV.



14. Com a mulher Stella, companheira por 68 anos

Entre sambas, sambas-canção e canções praieiras, ao final da década de 1940, Caymmi somava uma obra consistente, repleta de sucessos e respeitada pela crítica.

Caymmi escritor

Em 1947 (apenas oito anos após seu primeiro samba gravado!), tinha reunido um número suficiente de composições para publicar o livro *Cancioneiro da Bahia*, no qual entremecava letras de suas composições (62, mais da metade das 120 que deixou em sua obra completa). O livro tem ilustrações de Clóvis Graciano e pequenos verbetes que contextualizam algumas das músicas.

O primeiro LP



15. Capa de seu primeiro LP

O primeiro LP, *Canções Praieiras*, foi lançado em 1954, apresentando as inéditas *Quem Vem pra Beira do Mar* e *O Bem do Mar*.

O disco trazia novidades no mercado musical: um compositor ao mesmo tempo cantor e, ainda por cima, com uma voz daquelas (antes da bossa nova, poucos artistas brasileiros compunham e cantavam); um *long-play* inteiro de voz e violão, contrariando o padrão das gravadoras, para as quais os

solistas deviam ser acompanhados por orquestra; e a capa do disco feita pelo próprio artista. Era uma pintura muito colorida, que retratava peixes e pescadores.

O segundo LP, *Sambas*, mesclava sambas-canção: *Sábado em Copacabana*, *Não Tem Solução*, *Só Louco* e *Nunca Mais*, com os chamados “sambas sacudidos”: *Requebre que Eu Dou um Doce*, *Vestido de Bolero*, *A Vizinha do Lado* (letra abaixo) e *Rosa Morena*.

*A vizinha quando passa
Com seu vestido grená
Todo mundo diz que é boa
Mas como a vizinha não há*

Sobre os “sambas sacudidos”, o escritor Francisco Bosco explicou, em seu livro *Folha Explica – Dorival Caymmi*: “No Rio, a produção sacudida de Noel, Ismael Silva e dos compositores do Estácio segue a ética da malandragem, do levar vantagem com bom humor, do sujeito que ilude a parceira (a mulher de malandro ou mulher fingida), que provoca a desordem e desafia o *status quo*. Já o samba segundo Caymmi tem outras marcas, como o remelexo sensual, a religiosidade e a liberdade total do homem e da mulher (‘Se Anália não quiser ir eu vou só’, diria Dorival numa outra composição dos anos 1950), além do dengo”.

O dengo mereceu uma citação no livro *Cancioneiro da Bahia*, do nosso compositor: “Não sei de palavra tão bonita quanto ‘dengo’. Dengo... Denguice... Dengosa... Palavras que dizem muita coisa, que definem por vezes a personalidade de uma mulher”.

E continuou: “O sol do Nordeste, aquele calor das tardes pedindo rede e água de coco, pedindo cafuné e dando ao corpo certa moleza gostosa, produz o dengo, que por vezes está apenas no quebranto de um olhar, às vezes na modulação da voz terna, de súbito no gesto, como um convite. Não sei definir certas mulheres senão pelo dengo que possuem”.



Sobre seu jeito próprio de compor, disse, em entrevista ao jornalista e crítico musical Tárk de Souza: “Nos contatos com a vida musical do povo baiano, nos festejos, consegui tirar, por instinto, uma fórmula pessoal, em torno do samba de rua. Esse tipo corridinho, mexidinho, de quando você se requebrar caia por cima de mim, sabe? Aquele jogo de palavras com música, uma maneira muito local, condicionada naquele ambiente negro, mestiçado, do azeite de dendê, das festas da Conceição da Praia, da Ribeira. Isso aliado à voz do povo, sem alto-falante, aquele tipo de som puro, solto, era uma música em estado puro”.

Pré bossa nova

As melodias e harmonias pouco convencionais dos sambas-canção compostos na década de 1950 – *Não Tem Solução*, *Tão Só*, *Você Não Sabe Amar* e *Sábado em Copacabana* – seriam definidas, depois, como pré-bossa-novistas. Ele mesmo diria, bem-humorado: “Quem faz *Só Louco* já faz bossa nova”.

Mas foram dois “sambas sacudidos” gravados pelo próprio Caymmi que fizeram o maior sucesso naqueles anos: *Maracangalha* (letra abaixo) e *Saudade da Bahia*. Ambos somam, até hoje, quase a mesma quantidade de regravações: em torno de 130.

Eu vou pra Maracangalha
Eu vou!
Eu vou de liforme branco
Eu vou!
Eu vou de chapéu de palha
Eu vou!
Eu vou convidar Anália
Eu vou!
Se Anália não quiser ir
Eu vou só!
Eu vou só!
Eu vou só sem Anália
Mas eu vou!...



16. Capa do disco lançado em 1957

Maracangalha é um vilarejo que fica no Recôncavo Baiano. Seu nome é uma corruptela de “amarrar a cangalha”, em referência à armação de madeira ou ferro que era presa nos burros para carregar mantimentos ou roletes de cana-de-açúcar – principal economia da região, que garantia o sustento de seus cerca de mil habitantes.

Um tempo sem pressa

Aos poucos, ele reduziu o ritmo de trabalho, compondo e gravando menos e dedicando-se mais à pintura. Mas ainda fez *Oração de Mãe Menininha* e *Modinha para Gabriela*. Pelo conjunto da obra, recebeu comendas e incontáveis homenagens, entre elas o Prêmio Shell de 1983. Foi enredo campeão da Estação Primeira de Mangueira em 1986. Quem não se lembra do refrão: “*Tem xinxim e acarajé/ Tamborim e samba no pé*”.

Em 16 de agosto de 2008, faleceu, aos 94 anos, em casa. Onze dias depois, morria Stella Maris, a companheira de tantos anos do notável Dorival Caymmi.

João de Barro (Braguinha)



A vida só gosta de quem gosta dela.

João de Barro





Carlos Alberto Ferreira Braga, primeiro dos sete filhos de Jerônimo José Ferreira Braga Neto e Carmen Beirão Ferreira Braga, nasceu em 29 de março de 1907, no casarão da família, onde hoje é a sede do Jockey Club Brasileiro, na Gávea. O local era “cercado de pés de pinha, de cajá-manga, de goiabeiras, mangueiras e de tantos arbustos e folhagens coloridas”, conta Carlos Alberto Rabaça no livro *Braguinha para Crianças: um Canto de Felicidade*, lembrando que a década de 1910 era um tempo em que as crianças ainda brincavam livres nos quintais, chupando fruta no pé, cantando cantigas de roda e pulando amarelinha.



2. O menino Carlinhos, de velocípede, no quintal do casarão

No mesmo livro, referindo-se ao comportamento do menino Braguinha: “Suas travessuras deixavam marcas nos joelhos, nos cotovelos, na testa”. Já adulto, ao lembrar os dias felizes de sua infância vivida entre os irmãos e muitos amigos, o compositor diria que teve “a infância que todo menino tem: sarampo, catapora e coqueluche também”.

O primogênito da família Braga, Carlos Alberto, ficou famoso na música como João de Barro (apelido que escolheu) ou Braguinha (como os amigos o chamavam).

Um dia, um gato

Rabaça conta sobre os passeios dos irmãos, que “costumavam fazer excursões pelos recantos verdes da Gávea. Iam para o mato, acompanhados do pai, e procuravam reconhecer o canto dos pássaros e conhecer cada árvore, pois amavam a natureza”.

Nessas caminhadas pelo bairro, paravam perto de um coreto para ouvir a banda que tocava polcas e maxixes, aos domingos. Mas o que chamava mesmo a atenção da criança era um gato que, tão logo a música começava, desandava a miar, para descontentamento do maestro. A cena ficou na cabeça

de Braguinha e, três décadas depois (1948), virou a marchinha *Tem Gato na Tuba*, feita em parceria com Alberto Ribeiro.

*Todo domingo
Havia banda
No coreto do jardim
E já de longe
A gente ouvia
A tuba do Serafim
Porém um dia
Entrou um gato
Na tuba do Serafim*

Pregões Cariocas

As férias eram passadas na casa da madrinha Júlia, em Copacabana. Pela janela, Braguinha ouvia passar o vendedor de amendoim: *Amendoim torrquinho... Tá quentinho!*, fonte de inspiração para ele gravar, em 1931, o disco *Pregões Cariocas*, em que cantou, também, o anúncio do sorvete (*Sorvete iaiá, é de coco/ É de coco da Bahia*) e o da laranja (*Olha a laranja seleta/ Olha a boa laranja lima/ Olha a boa tangerina*), entre outros.

O talento musical era visível, e nosso compositor o creditava à Vó Zarinha: “Eu comecei a me interessar por música porque minha avó morava comigo e cantava muito direitinho aquelas canções italianas”, contou ao jornalista e pesquisador Tárík de Souza, no fascículo n. 24 da série *Nova História da Música Popular Brasileira* (Abril Cultural).

Mudança de bairro

Depois de frequentar o Jardim de Infância Marechal Hermes, fez o curso primário na Escola Municipal Joaquim Nabuco e o ginásio no Colégio Santo Inácio, sempre no bairro de Botafogo. Nessa época, a família se mudou para Vila Isabel, onde seu pai assumiu a direção da Companhia de Tecidos e Fiação Confiança Industrial.

A nova morada dos Bragas seria o Palacete Maxwell, localizado nas terras da fábrica e construído sobre uma colina. Nesse terreno, havia, além das instalações da fábrica, dois açudes, uma escola, uma vila operária, um campo de futebol e dois clubes.



3. Companhia de Tecidos e Fiação Confiança Industrial

Nosso compositor não foi para Vila Isabel; ficou morando com o bisavô, na Rua General Severiano, para ficar mais perto da escola. Era vizinho da sede do Botafogo Football Club (hoje, Botafogo de Futebol e Regatas), que ele frequentava tanto para jogar bola quanto para se sentar nas arquibancadas do estádio e torcer apaixonadamente. Essa paixão pelo Glorioso ficou para a vida inteira e foi passada a toda a família.

Aos 14 anos, já adolescente, foi morar no Palacete Maxwell. O pai, Jerônimo, gostava de uma festa, como conta Rabaça: “Costumava reunir toda a família e os amigos de seus filhos na varanda ou no quintal de sua casa. Nas festas juninas, todos dançavam em torno das fogueiras de Santo Antônio, São João e São Pedro. As fogueiras duravam de três a quatro dias. Não faltavam os quitutes: bata-ta-doce, milho assado, aipim, frango frito”.

A primeira canção

Ao entrar para o Colégio Batista, Braguinha conheceu Henrique Brito, exímio violonista, com quem aprendeu as posições básicas no violão. Fez sua primeira canção dedicada a

Guilmar, uma colega da turma. Era *Vestidinho Encarnado*, que, em 1931, receberia nova melodia (do maestro Eduardo Souto) e seria gravada com o título *Vestido Encarnado*.

*Como ficas tão formosa
Até bendigo o meu fado
Quando te vejo, menina
Do vestidinho encarnado*

Às vozes e aos violões de Braguinha e Henrique Brito juntaram-se outros amigos para tocar em saraus e reuniões sociais, formando o conjunto Flor do Tempo (Frô do Tempu). Mais tarde, o grupo ganhou o reforço de Henrique Foréis Domingues, nada mais, nada menos que futuro radialista, pesquisador, compositor e cantor Almirante.



4. Conjunto Flor do Tempo

Braguinha, embora não fosse um cantor de voz cheia, como mandavam os padrões da época, dividia com Almirante as funções de intérprete do grupo, assumindo o papel de versador (criador de versos de improviso) sempre que tinham pela frente desafios de repente – coisa muito comum na música nordestina até os dias de hoje.

Almirante, em pouco tempo, tornou-se o líder do Flor do Tempo. O grupo recebeu um convite para lançar o primeiro disco e se reorganizou. Foi quando recebeu a adesão de Noel Rosa e passou a chamar-se Bando de Tangarás. O nome foi ideia de Braguinha:

“Eu conhecia uma lenda muito interessante sobre os tangarás, pássaros que se reúnem em círculo para cantar e dançar na floresta. Como éramos um grupo que se reunia para cantar, o nome pareceu-me adequado”, diz o compositor no livro de Rabaça. Ele também sugeriu que cada um dos integrantes adotasse como pseudônimo o nome de um passarinho. Mas a proposta valeu mesmo só para ele, que se intitulou João de Barro.

Mudança de vida

A carreira musical deslanchava, mas, em casa, nada ia tão bem. Primeiro, foram os problemas na contabilidade da Fábrica Confiança, que levaram ao afastamento de Jerônimo da diretoria. Com isso, a família teve que sair do palacete, indo morar em Jacarepaguá. Depois, o patriarca sofreu um derrame cerebral e perdeu os movimentos, aposentando-se. Sendo o mais velho dos sete filhos, Braguinha teve que assumir o sustento da casa, indo trabalhar como vendedor de terrenos, sem deixar, porém, os compromissos com os Tangarás.

Mais tarde, para sua alegria, conseguiu um emprego na loja de departamentos Mesbla, na seção de discos. Era o ano de 1929, e ele acabara de conhecer aquela com quem se casaria e viveria por sete décadas: Astréa.



5. João de Barro a caminho do trabalho no Centro do Rio

Ainda em 1929, saiu o primeiro disco do compositor: um 78rpm, com *Pra Vancê* (lado A) e *Coisas da Roça* (B). No ano seguinte, a tal lenda que ele tinha contado aos amigos virou música: *Lenda dos Tangarás*, gravada pelo grupo em 1930, com solo de assovios.

A década que estava apenas começando o consagraria como um dos maiores compositores de marchinhas, ao lado de Lamartine Babo. “Lamartine é o divisor de águas do carnaval. E, justamente por causa dessa minha admiração, minhas primeiras músicas talvez revelem influências das dele”, nosso personagem declarou a Tárík de Souza. Essa influência seria logo percebida na marcha que fez e gravou com os Tangarás: *Dona Antonha*.

*Ó, Dona Antonha
Ó, Dona Antonha
Tu tá ficando
Mas é mesmo sem-vergonha!*

Logo depois, com o próprio Lamartine, compôs *Nega* e, com Noel Rosa e Almirante, *Latária*. A sonoridade de *Latária* causou estranheza aos ouvidos mais educados da época; o grupo empunhou panelas, colheres de pau e outros utensílios menos nobres, como o urinol (tocado pelo próprio João de Barro):

*Já que não temos pandeiro
Pra fazer nossa batucada
Fabriquei o meu pandeiro
Com lata de goiabada*

Carnaval de sucessos

Em 1933, enquanto o Bando de Tangarás se dissolvia, João de Barro emplacava seus primeiros hits no carnaval, *Trem Blindado* e *Moreninha da Praia*, que sintetizam os dois grandes temas que o acompanhariam ao longo de sua obra: a crônica do cotidiano e a mulher. *Moreninha da Praia* fala dos novos (e avançados) costumes das moças na época, como o de caminhar pela rua sem meias:

*Moreninha querida
Da beira da praia
Que mora na areia
Todo verão
Que anda sem meia
Em plena avenida.
Varia como as ondas
O teu coração*

O sucesso de Moreninha da Praia colaborou decisivamente para a fixação da marchinha como um dos gêneros musicais típicos do carnaval.

Começava o ano de 1934, e, com ele, vieram mais lançamentos: *Mané Fogueteiro*, *Primavera no Rio*, *Linda Mimi*, *Uma Andorinha Não Faz Verão* (em parceria com Lamartine Babo). É da mesma época a marcha *Linda Lourinha*, em resposta a *Linda Morena*, de Lamartine, gravada no carnaval anterior:

*Lourinha, lourinha
Dos olhos claros de cristal
Desta vez, em vez da moreninha
Serás a rainha do meu carnaval*

No cinema

Paralelamente à carreira musical, Braguinha aceitou o desafio de trabalhar no cinema, integrando a equipe de produção do filme *Alô Alô Brasil*. No set de filmagem, conheceu o médico Alberto Ribeiro, que viria a ser seu futuro parceiro e com o qual dividiria a maior parte de suas composições.

Lançado em março de 1935, *Alô Alô Brasil* trazia três músicas suas: *Deixa a Lua Sossegada* e *Menina Internacional*, com Alberto Ribeiro, e *Primavera no Rio*. Mas a canção de maior sucesso do filme foi mesmo *Cidade Maravilhosa*, de André Filho.

A segunda investida no cinema foi em *Estudantes*, com três composições: *Linda Mimi* e *Linda Ninon* (com Cantídio de Melo) e *Lalá* (com Alberto Ribeiro). O argumento e o roteiro também eram dele e de Alberto, bem como o argumento de *Alô Alô Carnaval* e três músicas do filme, todas inesquecíveis. Veja um trecho da letra de *Seu Libório*:

*Seu Libório tem três vizinhas
Manon, Margot e Frufru
Saem todas as tardinhas
Carregando o seu lulu
Ninguém sabe o que elas fazem
Porém todo mundo diz
Que o seu Libório é quem manda
Ah, como o Libório é feliz*



6. Cartaz do filme *Alô Alô Carnaval*

As outras duas músicas feitas para o filme *Alô Alô Carnaval* foram *Cadê Mimi* e *Cantores do Rádio* (parceria com Alberto Ribeiro e Lamartine Babo, letra a seguir):

*Nós somos as cantoras do rádio
Levamos a vida a cantar
De noite embalamos teu sono
De manhã nós vamos te acordar*

*Cadê Mimi (Cadê Mimi?! Cadê Mimi?!
Mimi/ Que fugiu pra Xangai...) foi
inspirada em uma moça de feições
orientais: “Era uma vendedora de
discos que trabalhava numa loja da
Rua do Ouvidor”, contou o compositor
em Yes, Nós Temos Braguinha. Já
Cantores do Rádio nasceu dentro de
um ônibus no trajeto entre o Cassino
da Urca e o Centro da cidade. “Até
viajamos de graça. O motorista aderiu
à cantoria e dispensou o pagamento
das passagens.”*

Para *João Ninguém* (primeiro filme brasileiro a ter uma sequência a cores), Braguinha assinou o argumento com Alberto Ribeiro e escreveu duas músicas: *Sonhos Azuis* (com Ribeiro) e *Cartinha Cor-de-Rosa*.

A mais gravada

Compondo intensamente, os parceiros lançaram *Fon-Fon* e *Balancê*. Para fechar o ano de 1937, João de Barro escreveu a letra de *Carinhoso*. Hoje, passados 75 anos do lançamento, é de longe sua canção mais regravada (acima de 400 vezes), aí inclusas versões em inglês (*Affectionate*), francês (*Amoureux*), espanhol (*Cariñoso*) e alemão (*Zärtlich*).

*Meu coração
Não sei por quê
Bate feliz
Quando te vê
E os meus olhos ficam sorrindo
E pelas ruas vão te seguindo
Mas mesmo assim
Foges de mim*

Carinhoso tem história. Pixinguinha compôs a melodia em 1917, mas a guardou; não levava fé naquele choro que tinha duas partes,

uma a menos do que manda a tradição do gênero musical. Em 1928, a Orquestra Típica Pixinguinha-Donga fez um lançamento em disco, mas sem grande repercussão.

Oito anos depois, a atriz e cantora Heloísa Helena procurou João de Barro atrás de uma música nova para apresentar no espetáculo *Parada das Maravilhas*, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, promovido por Dona Darci Vargas, mulher do presidente Getúlio. Ele não tinha música nova, e Heloísa sugeriu que letrasse *Carinhoso*. No dia seguinte, a letra estava pronta, e a cantora, em troca, o presenteou com uma bela gravata italiana.

Columbia e carnaval



7. João de Barro em seu escritório na gravadora Columbia

Do cinema para uma gravadora: a Columbia do Rio de Janeiro, onde foi trabalhar no departamento de gravações e, um ano depois, assumiu a direção artística. Paralelamente, lançou *Linda Borboleta* (com Alberto Ribeiro), traduziu e dublou o desenho animado *Branca de Neve e os Sete Anões* (de Walt Disney), primeiro longa-metragem de animação da história do cinema. São suas as

letras da trilha, em português, com os famosos versos: *Eu vou, eu vou, pra casa agora eu vou*. Ele faria o mesmo trabalho em *Pinóquio* (1940), *Dumbo* (1941) e *Bambi* (1942).



8. O casamento com Astréa

Em 28 de janeiro de 1938, casou-se com Astréa Rabello Cantolino, com quem teve uma única filha, Maria Cecília. No mesmo ano, compôs três grandes sucessos carnavalescos. O primeiro era uma nova versão de *Linda Pequena*, composta por ele e Noel Rosa, que se chamou *Pastorinhas*.

*A estrela d'alva no céu desponta
E a lua anda tonta
com tamanho esplendor
E as pastorinhas
pra consolo da lua
Vão cantando na rua
lindos versos de amor*

Com Alberto Ribeiro, o segundo sucesso daquele carnaval: *Touradas em Madri*. A marcha foi inscrita no concurso de músicas carnavalescas do Departamento de Imprensa e Propaganda e conquistou o título. Os adversários protestaram – alegando que aquilo era um *pasdoble*. Resultado: foi aberto um

novo concurso, novamente vencido por João de Barro, com *Pastorinhas*.

*Eu fui às touradas em Madri
Parará timbum bumbum
Parará timbum bum
E quase não volto mais aqui
Pra ver Peri beijar Ceci
Eu conheci uma espanhola
Natural da Catalunha
Queria que eu tocasse
castanhola
E pegasse o touro à unha*

O terceiro sucesso foi *Yes, Nós Temos Bananas*, parceria com Alberto Ribeiro, cuja história começou nos EUA, com base no foxtrote *Yes, We Have No Bananas*, dos compositores Frank Silver e Irving Cohn para o musical *Make It Snappy*, da Broadway.

*Yes, nós temos bananas
Bananas pra dar e vender
Banana menina tem vitamina
Banana engorda e faz crescer*

Já no carnaval de 1939, oito músicas suas animaram os salões: *Vou pra Farra* e *Não Sei Por Quê* (com Alcy Pires Vermelho) e seis parcerias com Alberto Ribeiro – *Havaiana*, *Menina do Regimento*, *Sem Banana*, *Nada de Novo na Frente Ocidental*, *Marcha para Oeste* e *Pirolito*. Com Alcy Pires Vermelho, fez, ainda, *Dama das Camélias*, que venceria, em 1940, o concurso do América Futebol Clube.

A década de 1940

Mais filmes na carreira. *Banana da Terra*, em que fez o argumento e seis músicas: *Mares da China*, *Sem Banana*, *Menina do Regimento* e *Pirolito* (com Alberto Ribeiro), *Não Sei Por Quê* (com Alcy Pires Vermelho) e *Eu Vou pra Farra*. A dupla João de Barro e Alberto Ribeiro ainda comporia para os filmes *Laranja da China* (1940) e *Abacaxi Azul* (1944).



9. Capa do LP com as canções de sucesso

A lista de composições nos anos 1940 da dupla é imensa: *Noites de Junho*, *Onde o Céu Azul É Mais Azul* (também com Alcy Pires Vermelho), a versão em português para *Auld Lang Syne* (do filme *A Ponte de Waterloo*), que no Brasil se chamou *Valsa de Despedida* (letra abaixo), e as marchinhas *Adolfito Mata-Moros* e *China Pau*.

*Adeus, amor
Eu vou partir
Ouço ao longe um clarim
Mas onde eu for irei sentir
Os teus passos junto a mim*

De sua autoria, sem parceiros, foram *Anda Luzia*, *Fim de Semana em Paquetá* e *Pirata da Perna de Pau* (campeã do carnaval de 1947). Com Antonio Almeida, fez *A Saudade Mata a Gente* e *A Mulata É a Tal*. Com Alberto Ribeiro, fez *Copacabana*, que disputou as paradas de sucesso em 1947:

*Copacabana, princesinha do mar
Pelas manhãs tu és a vida a cantar
E à tardinha, ao sol poente
Deixa sempre uma saudade na gente*

Sobre Copacabana, respondeu a um amigo que perguntou por que “princesa” e não “rainha” do mar: “Ora, meu caro! Rainha envelhece, princesinha não...”. Até hoje, Copacabana é sua segunda música mais gravada, perdendo só para Carinhoso.

Em 1949, Braguinha e Alberto Ribeiro levaram o tricampeonato do carnaval com a irreverente *Chiquita Bacana*:

*Chiquita Bacana lá da Martinica
Se veste com uma
Casca de banana nanica*

Discos infantis



10. Disco com as músicas infantis mais conhecidas do autor

Sempre disposto a novos desafios, João de Barro assumiu a direção artística da gravadora Continental, e, em três anos, a empresa se colocava em condições de igualdade com a concorrência. Uma de suas ações mais importantes foi adaptar histórias infantis para o mercado fonográfico.

A primeira história gravada foi *Branca de Neve e os Sete Anões*. Depois, *Chapeuzinho Vermelho*, para a qual compôs sucessos como *Pela Estrada*, *Lobo Mau* e *Marcha dos Caçadores*:

Pela Estrada

*Pela estrada afora
Eu vou bem sozinha
Levar esses doces
Para a vovozinha*

Lobo Mau

*Eu sou o lobo mau
Lobo mau, lobo mau
Eu pego as criancinhas
Pra fazer mingau*

Marcha dos Caçadores

*Nós somos os caçadores
E nada nos amedronta
Damos mil tiros por dia
Caçamos feras sem conta*

Foram gravadas, ainda, *Os Quatro Heróis*, *A Formiguinha e a Neve*, *A Gata Borralheira* e *O Casamento da Dona Baratinha*:

*Quem quer casar com a Dona Baratinha
Que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?*



11. Braguinha, Maria Cecília e Astréa na Praia de Copacabana

A filha de João de Barro tinha 5 anos quando foi lançado o disco do Chapeuzinho Vermelho. Ela contou a Pedro Paulo Malta: “Antes de fazer os discos, meu pai contava as histórias para mim, para ver como seria a reação de uma criança. Tanto que ele mudou o fim de Chapeuzinho Vermelho, com aquela solução de tirar a avó viva de dentro do lobo. No conto original, pouca gente sabe, a história termina com as mortes da avó e da Chapeuzinho. A mesma coisa com o João Ratão, da Dona Baratinha: ele só sai vivo da panela de feijão na história contada pelo papai”.

Vale lembrar que, apesar da quantidade de regravações de *Carinhoso*, *Copacabana* e de tantas marchinhas, as composições infantis são as mais conhecidas do autor, especialmente os temas de *Chapeuzinho Vermelho*, até hoje sabidos, de cor, pelas crianças. O que ninguém (ou quase ninguém) sabe é que foram feitos por ele.

Os anos 1950

Era 13 de julho, e a seleção brasileira goleava a Espanha (6 a 1) no Maracanã, na fase final da Copa do Mundo. Quando Chico marcou o quarto gol brasileiro, a marcha *Touradas em Madri* virou hino da surra nos espanhóis.

Dos 152.772 presentes, consta que só um não conseguiu participar do coro, como lembra Maria Cecília Braga, que tinha 11 anos e acompanhava os pais no estádio: “Assim que começou a cantoria, nos levantamos. Cusnei a ver que ele tinha ficado sentado, chorando. E não entendi por que chorava... Teve torcedor em volta da gente gritando: ‘Olha lá o espanhol!’. E ele emocionado, enquanto os

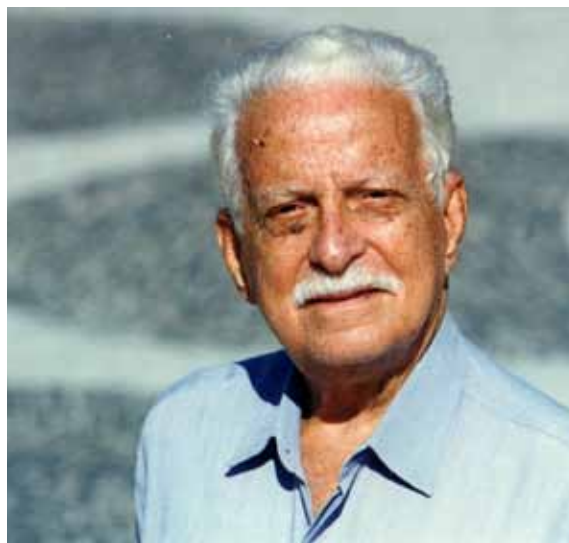
torcedores acenavam lenços brancos. Uma imagem linda que nunca mais esqueci”.



12. Seleção brasileira de 1950

Ainda na década de 1950, ele fez a versão *Sorri*, para a música *Smile*, composta, originalmente, para o filme *Tempos Modernos*, e lançou *Vai com Jeito* e *Laura* (com Alcy Pires Vermelho).

João de Barro/Braguinha



13. Braguinha, no bairro que homenageou com a canção *Copacabana*

Em 1960, como diretor da Continental, onde ficou até 1965, criou a coleção *Disquinho*, relançando antigas histórias e acrescentando outras, como *A Cigarra e a Formiga*, *O Gato de Botas* e *O Macaco e a Velha*.

Garota de Saint-Tropez (letra abaixo), gravada em 1962, marcou o começo da parceria com Jota Júnior, que continuou com *Garota Que Vai pra Lua*, *Garota Biquíni* e *Ilha do Sol*.

Ulalá! Ulalá!
Você é mais você
Com o umbiguinho de fora
Garota de saint-tropez!

Com Radamés Gnattali, compôs *Pau no Burro*. E fez outras canções, sem parceiro: *A Canoa Virou*, *Balancei a Roseira*, *Dandá*, *Meu Bem*, *Tutti frutti* e *Garota Monoquíni*:

A garota monoquíni
Que beleza de menina
Foi à praia sem confete
Só levou a serpentina

Os 40 anos de vida artística foram comemorados em novembro de 1968, no Teatro Café Concerto (hoje Oi Casa Grande), com o show *Yes, Nós Temos Braguinha*.

O título não falava em João de Barro, mas em Braguinha, apelido pelo qual era conhecido entre os amigos e que nos anos 1960/1970 tornou-se seu apelido público oficial, usado em espetáculos, discos e livros.

Balancê bate recorde

O carnaval de 1980 registrou 2.357 execuções de *Balancê* (letra abaixo), segundo o Escritório Central de Arrecadação de Direitos/Ecad. A marchinha havia sido lançada em 1937, por Carmen Miranda, mas com a gravação de Gal Costa, em 1979, passou a tocar em todos os carnavais, para espanto do próprio autor, que declarou a Jairo Severiano: “Confesso que já nem me lembrava da letra”.

Ô balancê balancê
Quero dançar com você
Entra na roda morena pra ver
Ô balancê balancê

Música, cinema e teatro: João de Barro adaptou *Viveiro de Pássaros*, da coleção *Disquinho*, para os palcos. Subiu ao palco da Sala Funarte Sidney Miller com Miúcha e o conjunto Coisas Nossas para um espetáculo em sua homenagem, na série Carnavalesca (1983).

Naquele ano, viajou o Brasil pelo Projeto Pinguinha, apresentando o mesmo show, que foi encenado, ainda, nas boates Un Deux Trois, no Rio, e Palace, em São Paulo.

Enredo da Mangueira



14. À frente da Mangueira, a grande consagração na avenida

Em 1984, com o enredo *Yes, Nós Temos Braguinha*, a Estação Primeira de Mangueira tornou-se a primeira campeã do carnaval no Sambódromo do Rio de Janeiro, recém-inaugurado. O desfile foi na terça-feira, 4 de março, sob o sol da manhã. Embalada pelo refrão (*É no balancê-balancê/ Eu quero ver balançar/ É no balanço/ Que a Mangueira vai passar*), a multidão aclamou Braguinha, que

passava no alto de um carro alegórico. Não contente, ao final do desfile, o público, que ainda lotava as arquibancadas, desceu e se juntou à escola, que percorreu a Marquês de Sapucaí de volta.

Sobre o acontecimento, Jairo Severiano escreveu: “Quando a multidão identificou a sua figura – à frente do cortejo, acenando do alto de um carro alegórico – (...) prorrompeu a maior aclamação, talvez, já tributada a um compositor popular brasileiro”.

O carnaval daria mais alegrias a João de Barro, em 1985, ao vencer o concurso da TV Manchete, com a marchinha *Vagalume* (parceria com César Costa Filho).

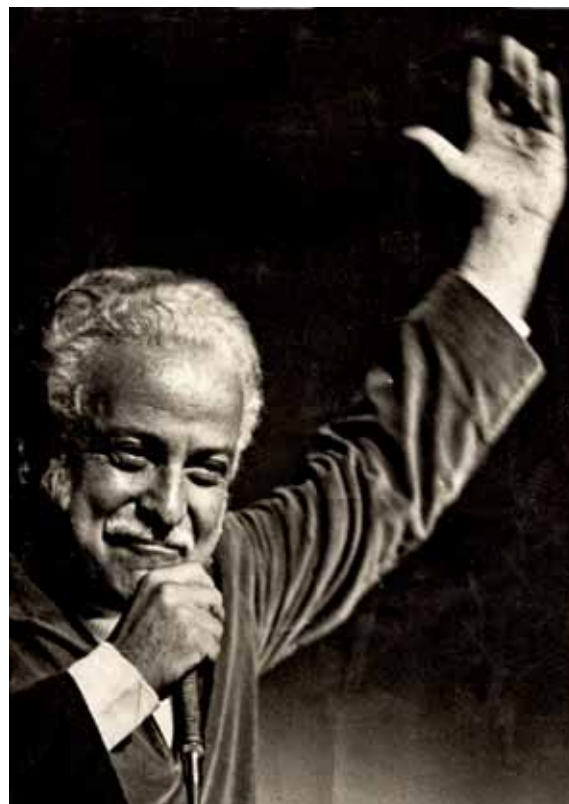
Em dezembro do mesmo ano, seria o homenageado do Prêmio Shell. Dez anos depois, participou, ao lado dos também octogenários Jamelão e Mário Lago, do show *Geração 80*, no Teatro Carlos Gomes.



15. Na inauguração de sua estátua, em Copacabana

Em 2004, compareceu à inauguração de uma estátua sua, criada pelo artista plástico Otto Dumovich, na esquina da Avenida Princesa Isabel com a Rua Barata Ribeiro, em Copacabana. “Sem Braguinha o carnaval brasileiro não teria sido musicalmente o que foi”, diz a placa.

Ele havia se mudado para o bairro em 1976 e lá faleceu em 24 de dezembro de 2006, aos 99 anos.



16. O notável João de Barro

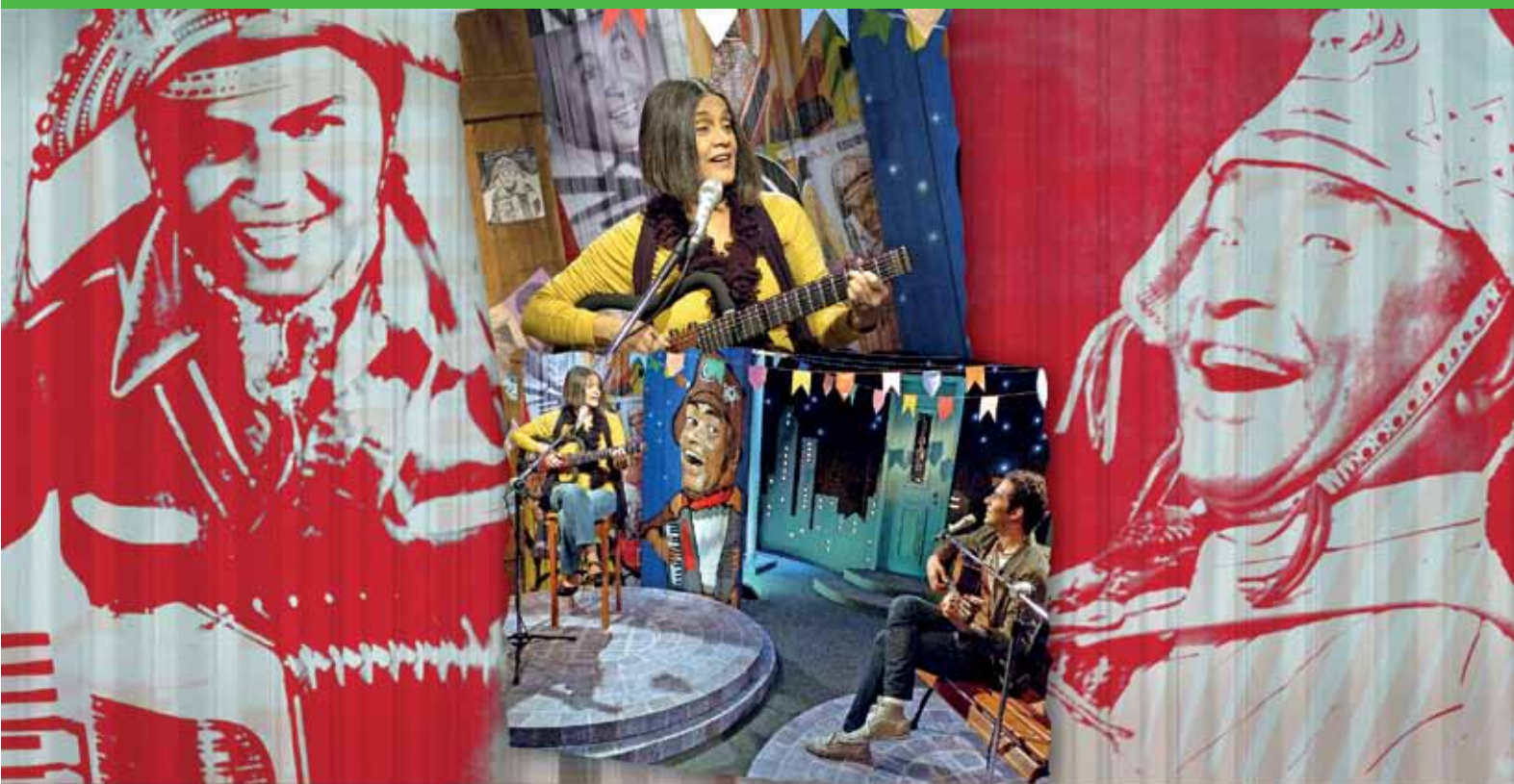
No centenário de seu nascimento, a cantora Bia Bedran apresentou o espetáculo *Histórias de um João de Barro*, em sua homenagem. Ele ainda seria reverenciado no musical *Sassaricando – e o Rio Inventou a Marchinha*, com 15 marchinhas suas no repertório.

Em 2011, deu nome ao troféu da 5ª edição do Concurso Nacional de Marchinhas Carnavalescas, promovido pela Fundação Progresso. E teve sua obra arranjada para um concerto sinfônico histórico realizado a céu aberto, nos Arcos da Lapa.

Luiz Gonzaga

*Quando eu voltei lá no sertão/ Eu quis mamar de Januário/ Com meu fole prateado/
Só de baixo cento e vinte, botão preto bem juntinho/ Como nego empareado/ Mas
antes de fazer bonito de passagem por Granito/ Foram logo me dizendo:/ “De
Itaboca a Rancharia/ De Salgueiro a Bodocó/ Januário é o maior!”*

Respeita Januário – Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira





Luiz Gonzaga do Nascimento. O nome do menino, nascido na sexta-feira 13 de dezembro de 1912, foi sugestão do padre José Fernandes de Medeiros, que o batizou na Igreja Matriz de Exu. Luiz, porque era dia de Santa Luzia; Gonzaga, porque o nome completo do santo é São Luiz Gonzaga; e do Nascimento, porque era dezembro, mês em que nasceu Jesus.

Segundo dos nove filhos de Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus (a Santana), Luiz nasceu na Fazenda da Caiçara, onde a família vivia, no sopé da Serra do Araripe, cidade de Exu, sertão de Pernambuco, a 20km da divisa com o Ceará. Conta-se que uma cigana teria dito a Santana: “Ele será do mundo. Vai andar tanto, por cima e por baixo, que criará feridas nos pés”.



2. O casal Santana e Januário

Apesar da condição de pobreza, os filhos de Januário – Joca, Luiz, Maria Ifigênia (Geni), Severino, Raimunda (apelido Muniz), José Januário (o sanfoneiro Zé Gonzaga), Francisca (a cantora Chiquinha), Socorro e Aloísio – viveram uma infância repleta de brincadeiras, criados com outros 24 primos, filhos das irmãs de Santana.

Cresceram correndo no mato, brincando de caçar e nadando horas a fio no Rio Brígida. E, também, ouvindo as histórias contadas pela mãe, que, diferentemente de quase todos na Serra do Araripe, sabia ler e escrever.

Excelente músico e único sanfoneiro da região, o patriarca Januário era muito solicitado para animar *rastapés* (bailes) e sambas (festas e forrós) em Exu e nos lugarejos vizinhos. Ele tinha uma oficina em casa, onde consertava sanfonas, gaitas e harmônicas. A entrada das crianças era proibida, mas Luiz sempre dava um jeito de se aproximar para ver os instrumentos, de perto e por dentro.

Luiz de Januário

Aos 5 anos, já pegava a sanfona do pai, tocava e punha a criançada para dançar. Vendo a intimidade do filho com o fole, Januário passou a levá-lo para tocar com ele. Pai e filho se revezavam nos bailes, e logo o menino ficou conhecido como “Luiz de Januário”.

Santana não concordava que o filho frequentasse as noitadas. Até porque, cedinho, ele tinha que acompanhá-la, junto com os outros filhos, para o trabalho na roça. Isso aos 7 anos! Mas tudo em vão.

Com 8 anos, o menino foi chamado para substituir um sanfoneiro na festa que acontecia por ali. Depois de cantar e tocar a noite inteira, recebeu o primeiro cachê. Dali em diante, seria solicitado para animar os sambas das redondezas, com ou sem o pai.

A primeira sanfona

Luiz chegava aos 12 anos quando foi trabalhar como cuidador de cavalos com o coronel Manoel Aires de Alencar, prefeito de Exu. A essa altura, a família Gonzaga estava morando no povoado de Araripe, na Fazenda Várzea Grande, depois de ter perdido a casa na enxurrada do Rio Brígida.



3. Casa da família de Januário José dos Santos

Empregado do coronel, deveria acompanhá-lo nas viagens pelo interior de Pernambuco. Eram muitas horas na estrada, e Manoel Aires se divertia com as histórias contadas pelo menino.

Em uma passagem pela cidade de Ouricuri, Luiz viu na loja vizinha a sua hospedaria uma sanfona Koch de oito baixos, igual à de

seu pai, e decidiu que ela seria sua. No mês seguinte, de volta ao lugarejo, ela continuava lá, à venda. Ele, então, propôs ao patrão que adiantasse o dinheiro e descontasse nos próximos salários. Negócio fechado. Só que depois de conseguir seu fole, Luiz deixou o trabalho, disposto a seguir o sonho de ser um sanfoneiro profissional.

Os baixos, na sanfona, são os botões tocados com a mão esquerda, que faz o acompanhamento da melodia.

Além do trabalho, a proximidade com a família Aires rendeu a oportunidade de ele se alfabetizar. Não fosse isso e teria parado no “abecedê, ê, fê, guê, jê, lê, mê, nê, ô, pequerê...”, que ouvia pela janela da escolinha. Gilberto, filho do coronel, o incentivou a aderir ao grupo de escoteiros de Exu, que, entre outras atividades, recebia aulas de alfabetização.

Luiz frequentou o grupo por 40 dias apenas, aprendendo a assinar o nome e a escrever algumas frases. “Eu queria aprender a ler, mas meus pais precisavam de mim para ajudar na roça, e aquele vaivém entre Exu e a Caiçara não acabava mais. E eu não era um aluno interessado em queimar as pestanas. Isso me faz falta até hoje”, disse à escritora Dominique Dreyfus, autora de *Vida do Viajante: a Saga de Luiz Gonzaga*.

O ídolo Lampião

Era o ano de 1927, e Araripe foi surpreendida com a notícia de que o bando de Lampião passaria por ali, a caminho de Juazeiro do Norte, onde se encontraria com Padre Cícero.

Com medo do que poderia acontecer, já que o grupo tinha fama de tomar casas, comer as criações e assassinar quem tentasse



impedi-lo, Januário, Santana e a filharada deixaram a casa às pressas e correram para a beira do rio. Luiz, então com 15 anos e sonhando ver o ídolo cangaceiro de perto, não se conformou.

A família passou a noite embaixo de uma árvore, e, na manhã seguinte, Luiz foi escalado para voltar à casa e ver se tudo estava em ordem. Foi quando soube que o bando tinha tomado outro caminho. Mesmo assim, chegou ao rio, gritando: “Corre, pessoal, que Lampião está vindo aí!”. O pai já tinha apagado a fogueira e as crianças corriam longe quando ele contou a verdade. De castigo, levou uma saraivada de cocos na cabeça.

Fama de namorador

Charmoso, bom de conversa e ótimo sanfoneiro, ele fazia sucesso entre as meninas de Exu e dos arredores. Aos 15 anos, chegou a pedir a moça Ana Doca em noivado, com anel e tudo, mas Santana tratou logo de desmanchar o compromisso.

Três anos depois, se apaixonou por Nazinha, moça de boa família, com quem pensou em se casar até saber o que o pai dela andava dizendo sobre ele: “sanfoneirozinho de nada, sem futuro”, “vive por aí puxando fole”, “nem roça tem”. Contrariado, pegou a peixeira (facão) e foi tomar satisfação com o candidato a sogro, que na hora desconversou, mas acabou indo se queixar com Santana. Luiz tomou uma surra de sua mãe e uma decompostura de Januário.

Sentindo-se humilhado pelos pais, fugiu de Exu para Crato, no Ceará, onde se viu obrigado a vender a sanfona para bancar seu sustento. De lá, seguiu em direção a Fortaleza e entrou para o Exército, no 22º Batalhão de Caçadores, como soldado Nascimento, n. 122. Viajava pelo Nordeste com seu batalhão, tanto para defender a Revolução de 30 como para combater o cangaço.

Bico de Aço

Depois de Fortaleza, serviu no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, em Juiz de Fora e chegou a São João del-Rei. Lá, foi aprovado no curso de corneteiro. Estudou noções de harmonia e logo tornou-se tambor-corneteiro de primeira classe, passando a ser conhecido, no quartel, como “Bico de Aço”.



4. Soldado Nascimento, do 22º Batalhão de Caçadores de Fortaleza

Ainda em São João del-Rei, conheceu o soldado de polícia Domingos Ambrósio, que lhe ensinou a tocar a sanfona de 120 baixos e a tirar as músicas da moda: valsas, polcas, boleros, tangos, rancheiras, foxtotes e outros gêneros musicais estrangeiros. Luiz, então, comprou um fole de 48 baixos (“Era ruim demais!”) para estudar e se apresentar nas horas de folga.

Meses depois, foi transferido para Ouro Fino, também em Minas, mas, a essa altura, só queria saber de música. Na cidade, tocou pela primeira vez para uma plateia urbana, no clube Éden.

Lá, também, conheceu um caixeiro viajante de São Paulo que lhe ofereceu uma sanfona branca (Horner, de 80 baixos), por 500 mil-réis. Ele pagou, mas não recebeu o instrumento. Foi atrás do vendedor em São Paulo

e descobriu que o endereço não existia. Contou sua história ao dono do hotel onde estava hospedado, que também tinha uma Horner (branca, de 80 baixos), não totalmente quitada, e a vendeu a Luiz pelo valor que ainda devia: 700 mil-réis. Gonzaga teve que se desfazer do antigo instrumento de 48 baixos para comprar o novo.

Chegada ao Rio

Chegou o ano de 1939. Depois de dar baixa no Exército, rumou para o Rio de Janeiro, mas já com os bilhetes comprados para retornar a Exu. Mas, enquanto aguardava a hora de embarcar no navio do Lloyd que o levaria ao Recife, decidiu dar uma voltinha pela cidade. E aí, resolveu ficar por aqui de vez.



5. Os primeiros acordes no Rio de Janeiro

Com a diferença de apenas um mês, chegaram ao Rio, em 1939, os dois compositores que na década seguinte fariam o Nordeste renascer dentro da música brasileira: o sertanejo pernambucano Luiz Gonzaga e o praieiro baiano Dorival Caymmi.

O primeiro endereço na cidade foi no Morro de São Carlos, onde ganhava a vida tocando música estrangeira para embalar as noites de marinheiros que frequentavam a região do Mangue. Lá, comprou uma sanfona Scandalli, italiana, de 120 baixos, que o acompanhava nas apresentações nos bares locais, como o Espanhol e o Cidade Nova. Neste, conheceu um grupo de cearenses.

Ao contar que era de Exu, os conterrâneos não se contiveram: “Você é cabeça-chata que nem a gente! Pois então deixe de lado essas músicas estrangeiras e toque uns forrós, que é a nossa música!”. Ele, então, atacou de *Pé de Serra* (depois rebatizada de *Xamego*) e *Vira e Mexe*, fazendo sucesso imediato e apresentando de vez o repertório gringo.

Emprego fixo e gravação

Logo começou a estudar com o famoso acordeonista Antenógenes Silva, que teria declarado: “Em pouco tempo ele já sabia mais do que eu. Eu não tinha mais o que ensinar”.

Foi levado, então, aos programas de rádio *Papel Carbone* (de Renato Murce) e *Calouros em Desfile* (de Ary Barroso). Neste último, apresentou *Vira e Mexe* e *Pé de Serra*, levando a nota máxima e o prêmio de 150 mil-réis. Dali, conseguiu o primeiro emprego em rádio, na Transmissora, no programa *A Hora Sertaneja*, de Zé do Norte.

Em 1941, fez a primeira gravação, acompanhando a dupla caipira Genésio Arruda e Januário França, na cena cômica *A Viagem de Genésio*, pela RCA Victor, gravadora com a qual assinou contrato e que o acompanharia por toda a carreira. Logo depois, já gravava como solista em dois discos: um com a mazurca *Véspera de São João* (dele com Francisco Reis) e a valsa *Numa Seresta* (sem parceiro); o outro, com a valsa *Saudades de São João del-Rei* (de Simão Jandi) e o chamego *Vira e Mexe* (de sua própria autoria).



Mazurca é uma dança de origem polonesa, cuja música tem um ritmo pontuado. Chamego foi como Luiz Gonzaga batizou o choro ligeiro, com sotaque nordestino, que adotou como uma de suas marcas na primeira metade dos anos 1940.

Luiz, Lua

Contratado pela Rádio Clube do Brasil para o programa *Alma do Sertão*, de Renato Murce, conheceu o violonista Dino Sete Cordas, que, vendo o formato de seu rosto, lhe deu o apelido de Lua.



6. Vestido de sertanejo, em homenagem a Lampião

Depois da Rádio Clube, passou pela Mayrink Veiga e pela Tamoio, onde começou a se apresentar vestido de vaqueiro nordestino, a indumentária sertaneja que seria sua marca visual para sempre. Na Tamoio, fez suas

primeiras apresentações como cantor, que renderam elogios e pedidos de bis chegados por carta à emissora.

Mais adiante, assinou com a Rádio Nacional, onde o apelido “Lua” se tornou oficial, tamanha a divulgação feita pelo ator – e, na época, grande radialista – Paulo Gracindo. Gostou de cantar e gravou a primeira música como cantor: a mazurca *Dança, Mariquinha* (dele com Miguel Lima), em 1945.

*Dança, dança, Mariquinha
Para o povo apreciar
Essa boa mazurquinha
Que pra você vou cantar
Ouça, meu bem,
A sanfona tocar*

Com vontade de cantar sua terra para o Brasil, precisava de um parceiro que letrasse suas melodias. Chegou a Humberto Teixeira.

O advogado Humberto Teixeira narrou o encontro ao pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo: “Um dia, estou lá no escritório (...) quando me procurou o Luiz Gonzaga, que conhecia de nome, mas era a primeira vez que o via. (...) Explicou-me a história de deflagrar a música do Norte nos grandes centros (na época, usava-se muito o termo Norte em lugar de Nordeste). Eu fechei o escritório (de advocacia), como fazia quando tratava de música, e relembramos aqueles ritmos do Ceará, de Pernambuco, e naquele dia mesmo nós chegamos à conclusão de que a música a ser utilizada (no projeto) era o baião, pois era a que tinha a característica mais fácil, mais uniforme para se lançar”.

O baião, originalmente chamado baiano, já existia desde o final do século XIX: era uma dança derivada do lundu. Segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro* (Câmara Cascudo), é “uma dança rasgada, lasciva, movimentada, ao som de canto próprio, com letras e acompanhamento a viola e pandeiro”.

Nasce Gonzaguinha

Em 22 de setembro de 1945, nasceu Luiz Gonzaga do Nascimento Jr., filho de Odaléia Guedes dos Santos, cantora do Dancing Brasil e namorada de Gonzaga. Embora não fosse o pai biológico do menino, ele o registrou.

Odaléia morreu dois anos depois, e seu filho foi criado pelos padrinhos. Assim, o menino cresceu no Morro de São Carlos (Estácio), sob os cuidados de Dina e Xavier, que era violonista e foi o primeiro professor de música do afilhado. Gonzaga mandava dinheiro para os estudos e aparecia de vez em quando no São Carlos.



7. Luiz Gonzaga do Nascimento Jr., o Gonzaguinha

A Era do Baião

O ano de 1946 inaugurou a chamada Era do Baião. O grupo Quatro Ases e Um Coringa lançou um disco de 78rpm com a canção *Baião*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. A música viria a ter numerosas regravações, inclusive em inglês, com o nome de *Ca-room' pa pa*, na voz de Carmen Miranda.

*Eu vou mostrar pra vocês
Como se dança o baião
E quem quiser aprender
É favor prestar atenção.
Morena chegue pra cá
Bem junto ao meu coração
Agora é só me seguir
Pois eu vou dançar o baião*



8. Capa do vinil com as principais músicas de Gonzaga

No mesmo ano, Gonzaga voltou a Exu, de onde havia saído 16 anos antes, depois da surra que levou de sua mãe. Chegou ao Araripe com grande recepção, e logo vieram os shows e muita gente para ouvir “Luiz de Januário”, agora famoso, tocando sua sanfona de 120 baixos.

Mas o povo continuou preferindo o pai, com comentários que inspiraram *Respeita Januário*, com letra de Humberto Teixeira a partir de relato do parceiro:

*Luiz, respeita Januário
Luiz, tu pode ser famoso
Mas teu pai é mais tihoso
E com ele ninguém vai
Luiz! Luiz...
Respeita os oito baixo do teu pai!*



Antes de retornar ao Rio, foi passar uns dias no Recife, onde conheceu grandes músicos locais, entre eles, o obstetra José de Souza Dantas Filho, o Zé Dantas, que viria a ser o parceiro mais constante de sua obra.

Asa-Branca

A música que seria o maior sucesso de Gonzaga (parceria com Humberto Teixeira) foi lançada em 1947. Era a toada *Asa-Branca*.

*Quando oiei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação.
(...)
Inté mesmo a asa-branca
Bateu asas do sertão
Intonce eu disse: adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração*

No mundo do baião

Luiz se casou com Helena das Neves Cavalcanti em 1948 e trouxe toda a família de Exu para o Rio. Enquanto isso, a dupla Gonzaga/Teixeira ia de vento em popa, lançando: *Mangaratiba*, *Légua Tirana*, *Juazeiro*, *Lorota Boa* e *Qui nem Jiló* (letra a seguir).

*Se a gente lembra
só por lembrar
O amor
que a gente um dia perdeu
Saudade inté que assim é bom
Pro cabra se convencer
Que é feliz sem saber
Pois não sofreu
(...)
Ai quem me dera voltar
Pros braços do meu xodó
Saudade assim faz roer
E amarga qui nem jiló
Mas ninguém pode dizer*

*Que me viu triste a chorar
Saudade, o meu remédio é cantar*



9. O Rei do Baião no auge da carreira

Ele começava também a gravar as primeiras músicas com o novo parceiro, Zé Dantas: *No Forró de Mané Vito* e *Vem, Morena*.

A década de 1950 trouxe o lançamento de *Paraíba* e *Assum Preto* (letra a seguir), de Gonzaga e Teixeira. Com Zé Dantas, compôs *Cintura Fina*, *A Volta da Asa-Branca* e *A Dança da Moda*.

*Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto
Cego dos óio
Num vendo a luz
Ai, canta de dor
Tarvez por ignorança
Ou mardade das pio
Furaro os óio do assum preto
Pra ele assim, ai, cantá de mió*

A estreia da série *No Mundo do Baião*, na Rádio Nacional, divulgou o ritmo para todo o Brasil. Luiz, então, inventou o trio de forró, com acompanhamento da zabumba, marcando o som grave; e o tilintar saltitante do triângulo. Estava criada, naquele momento, a base perfeita para a sua sanfona, que vigorou até hoje em qualquer forró.

Novas gravações conquistavam o público: *Estrada do Canindé* (com Teixeira) e *Olha pro Céu* (com José Fernandes).

*Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha pr'aquele balão multicor
Como no céu vai sumindo
Foi numa noite, igual a esta
Que tu me deste o teu coração*

Em uma viagem pelo Nordeste, em 1948, Luiz havia se encantado pelo menino Nenê, pandeirista com 7 anos na época. Em 1954, eles se reencontraram no Rio, e Gonzaga o presenteou com uma sanfona. Nenê era o apelido de José Domingos de Moraes, o Dominginhos.

Parceria rompida

Dois acontecimentos marcantes no ano de 1952: a adoção da menina Rosa Maria e o rompimento com Humberto Teixeira, com quem assinou 27 composições.

Afora isso, esse ano é lembrado pelo grande sucesso do show *Os Sete Gonzaga*, reunindo Januário e os filhos Luiz, Severino, Zé, Chiquinha, Socorro e Aloísio, na Rádio Tupi. Foi o ano também do lançamento de *Pau de Arara*, a música autobiográfica feita em parceria com o maestro Guio de Moraes:

*Quando eu vim do sertão
Seu moço, do meu Bodocó
A malota era um saco
E o cadeado era um nó
Só trazia a coragem e a cara
Viajando num pau de arara
Eu penei... Mas aqui cheguei*

Também foram gravados na década de 1950: *A Vida do Viajante*, em parceria com Hervé Cordovil, e o *Xote das Meninas*. A dupla Gonzaga/Zé Dantas compôs, ainda, *ABC do Sertão* e *Vozes da Seca*.

A Vida do Viajante

*Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando a recordação
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
Dos amigos que lá deixei*

Xote das Meninas

*Mandacaru quando fulora na seca
É o sinal que a chuva
chega no sertão
Toda menina
que enjoe da boneca
É sinal que o amor
já chegou no coração
Meia comprida,
não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado
Não quer mais vestir timão
Ela só quer
Só pensa em namorar*

Chegaram os anos 1960, e Gonzagão conheceu o compositor João Silva, que seria seu parceiro mais assíduo nas décadas seguintes, com músicas como *Pagode Russo*, *Santo Antônio Nunca Casou* e *Danado de Bom*, entre muitas outras.

Em 1963, a sanfona Universal de Gonzaga foi roubada. O amigo e antigo mestre Antenôgenes Silva emprestou a sua para ele, toda



branca. A partir dali, o Rei do Baião só teve sanfonas brancas, todas sempre com a mesma inscrição: “É do povo”.

A bossa nova deixou Luiz no ostracismo, mas o Tropicalismo deu novo impulso à sua carreira. Caetano Veloso e Gilberto Gil não se cansavam de apontar a obra do Rei do Baião como uma de suas principais influências. Tanto que, em 1972, ele se apresentou no Teatro Tereza Rachel com o espetáculo *Volta pra Curtir*.

Dali até o final dos anos 1980, Gonzaga lançaria, em média, um LP por ano. Nos shows, passou a contar causos, histórias cheias de sabor matuto, que ele acompanhava na sanfona, fazendo a melodia dialogar com o texto que dizia.

Rei Luiz do Sertão



10. O reencontro de pai e filho nos palcos do pai

Depois de um afastamento de quase 20 anos, desde que Gonzaguinha tinha se desentendido com a madrastra, pai e filho se reaproximaram e gravaram juntos o disco *Discanço em Casa, Moro no Mundo*. Fizeram, também, uma turnê por todo o Brasil (em 1981), de onde saíram os LPs *A Viagem de Gonzagão e Gonzaguinha* e *Gonzagão e Gonzaguinha ao Vivo*. No ano seguinte, o Rei do Baião se apresentou pela primeira vez no exterior, em Paris. Quatro anos depois, voltou à capital francesa para o festival *Couleurs Brésil*, onde cantou e tocou para um público de 15 mil pessoas.

Gonzaga ainda seria homenageado pelo Prêmio Shell de Música (1984), antes de seu último show, em 1989, no Teatro Guararapes (Recife). Ele faleceu aos 72 anos, naquele ano. Foi enterrado em Exu, onde hoje existe o Mausoléu do Gonzagão. Estava separado de Helena havia um ano, vivendo com Zuíta (Edelzuíta Rabelo), com quem se relacionava desde 1968.

No ano de 2000, Gilberto Gil lançou um CD, *As Canções de Eu, Tu, Eles*, com a trilha sonora do filme de mesmo nome. O repertório homenageia Gonzaga, com músicas suas e outras lançadas por Gil. No ano do centenário de seu nascimento (2012), ele foi enredo campeão da escola de samba Unidos da Tijuca: *O Dia em Que Toda a Realeza Desembarcou na Avenida para Coroar o Rei Luiz do Sertão*.



11. Foto extraída da capa do vinil *Chá Cutuba*

Créditos das imagens

Noel Rosa

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Arte na imagem. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
2. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
3. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
4. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
5. Arquivo Colégio São Bento
6. Autocaricatura a guache. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
7. Acervo Museu da Imagem e do Som
8. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
9. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
10. Foto Cartola: Acervo Museu da Imagem e do Som; foto Ismael Silva: www.rio.rj.gov.br
11. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
12. Divulgação Odeon
13. Acervo Museu da Imagem e do Som
14. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
15. Divulgação Odeon
16. Divulgação Editora Mangione
17. Fundação Biblioteca Nacional

Dona Ivone Lara

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Rachel Valença
2. Augusto Malta/Centro de Memória da Educação Pública
3. Acervo pessoal Dona Ivone Lara
4. Wikipédia
5. Acervo Rachel Valença
6. Acervo pessoal Dona Ivone Lara
7. Acervo pessoal Dona Ivone Lara
8. Acervo pessoal Dona Ivone Lara
9. Acervo pessoal Dona Ivone Lara
10. Divulgação Abril Cultural
11. Daniel Kfoury /www.uol.com.br
12. Acervo pessoal Dona Ivone Lara

Dorival Caymmi

Abertura do capítulo:

Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. In: CAYMMI, Stella. *Dorival Caymmi: o mar e o tempo*. São Paulo: Editora 34, 2001.
2. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
3. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
4. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
5. Acervo Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
6. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
7. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
8. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
9. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
10. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

11. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
12. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
13. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
14. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
15. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim
16. Acervo Instituto Antônio Carlos Jobim

João de Barro

Abertura do capítulo:
Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo pessoal Braguinha
2. Acervo pessoal Braguinha
3. Fotolog.terra.com.br/luizd: 642
4. Acervo pessoal Braguinha
5. Acervo pessoal Braguinha
6. Acervo Banco de Conteúdos Culturais
7. Acervo pessoal Braguinha
8. Acervo pessoal Braguinha
9. www.discosraros.com.br
10. Divulgação Warner Music
11. Acervo pessoal Braguinha
12. Arquivo Nacional do Livro
13. Guto Costa
14. www.braguinha.ag.com.br
15. Arquivo Jornal do Brasil
16. Acervo pessoal Braguinha

Luiz Gonzaga

Abertura do capítulo:
Fotos de estúdio: Alberto Jacob Filho

1. Acervo Museu Fonográfico Luiz Gonzaga de Campina Grande (PB) e Acervo jornalista Xico Nóbrega
2. Acervo Museu Fonográfico Luiz Gonzaga de Campina Grande (PB) e Acervo jornalista Xico Nóbrega
3. Acervo ONG Parque Aza Branca/Museu do Gonzagão (Exu-PE)
4. Acervo Museu Fonográfico Luiz Gonzaga de Campina Grande (PB) e Acervo jornalista Xico Nóbrega
5. Museu da Imagem e do Som
6. Divulgação [www.camaradecultura.org/Everaldo Vilela](http://www.camaradecultura.org/Everaldo_Vilela)
7. Museu da Imagem e do Som
8. Divulgação/RCA Victor
9. www.forroemvinil.com
10. [www.gonzaguinha.com.br/Paulo Vanderley](http://www.gonzaguinha.com.br/Paulo_Vanderley)
11. <http://www.forroemvinil.com>

**Diretoria do Núcleo de
Publicações e Impressos**

Regina Protasio

Assessoria Editorial

Denise das Chagas Leite

Consultoria e Conteúdo

Pedro Paulo Malta

Redação e Edição

Regina Protasio

Colaboração

Fernanda Fernandes

Larissa Altoé

Leila Kaltman

Revisão

Jorge Eduardo Machado

Gerência de Pesquisa e Documentação

Lucia Mendes

Pesquisa

Tônia Matosinhos

**Assessoria de Artes
Gráficas e Animação**

Marcelo Salerno

Gerência de Artes Gráficas

Ana Cristina Lemos

Projeto Gráfico

Aloysio Neves

**Editoração, tratamento de imagens e
montagens (abertura de capítulos)**

Daniel Nogueira

Impressão:

Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Tiragem:

5.600 exemplares

Novembro 2012

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-60354-18-4



9 788560 354184

MULTIRIO - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ • Brasil • CEP 22260-210

Central de Atendimento ao Cidadão: 1746 • Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424

www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br